Entrevista com José Maria Nunes Pereira

Concedida entre 15 e 28 de dezembro de 2006, no Rio de Janeiro, a Verena Alberti e Amilcar Araujo Pereira

José Maria Nunes Pereira Conceição foi um dos fundadores, em 1973, do Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA) da Faculdade Candido Mendes, no Rio de Janeiro, uma instituição de referência para assuntos ligados à África e suas relações com o Brasil. Nascido em São Luís do Maranhão (1937), estudou em Portugal (1947-1962) e participou dos movimentos de libertação das colônias portuguesas na África. Graduou-se em ciências sociais na UFF (1972), foi professor de história da África e editor da revista *Estudos Afro-Asiáticos*, do CEAA (1978-1986). Sua dissertação de mestrado em sociologia, defendida na USP em 1991, teve como tema o centro de estudos que fundou: "Os estudos africanos no Brasil e as relações com a África – um estudo de caso: o CEAA (1973-1986)". A tese de doutorado, também defendida na USP, em 1999, intitulou-se "Angola: uma política externa em contexto de crise (1975-1994)".

Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 39, janeiro-junho de 2007, p. 121-156.

Esta entrevista foi realizada dentro do projeto "História do movimento negro no Brasil", desenvolvido pelo CPDOC desde setembro de 2003. Foram quatro encontros, que resultaram em 10h30min de conversas gravadas, das quais editamos alguns trechos para serem publicados aqui. Na elaboração das notas, contamos com o auxílio de Leandro Faustino da Silva, bolsista Faperj-PIBIC.

Formação no Maranhão e em Portugal

Gostaríamos de começar com suas origens: onde e quando o senhor nasceu, o que faziam seus pais?

Nasci em São Luís do Maranhão, em 13 de maio de 1937. São duas datas: aqui, é a libertação dos escravos, e em Portugal, é o dia de Nossa Senhora de Fátima. Quando eu estava em Portugal, diziam: "Ah, que bonito, dia de Nossa Senhora de Fátima!" Eu franzia a cara e dizia: "Dia da libertação dos escravos no Brasil!" As minhas duas datas. Meu pai, Abel Pereira da Conceição, era um imigrante português, sócio de um armazém de estiva – o brasileiro diz grossista, de venda a grosso. Um armazém atacadista de cinco andares que importava do Sul e vendia de tudo para o interior do Maranhão. Minha mãe, Matilde Maria Nunes Pereira Conceição, era uma paraense, filha de um português imigrante que havia enricado com a borracha no Pará, Antônio Pinto Nunes Alves Vitório. Depois ele entrou em decadência, foi à falência, mas o casamento da minha mãe ainda se deu no meio da carreira dele, em 1936. Meus pais tiveram quatro filhos, e sou o mais velho.

A raiz da minha história está na separação dos meus pais, quando eu tinha seis anos. Se desquitaram, fiquei com meu pai e fomos morar, primeiro, numa república de portugueses; depois, papai comprou um casarão enorme e fui criado por uma família negra – mãe Lúcia, as irmãs e os meus dois irmãos de criação, que eram mais velhos e me protegiam. O casarão ficava a duzentos passos do armazém, o que significava zona comercial, no bairro negro, perto da prostituição. Fui um menino de bairro negro e de cais do porto; das minhas janelas eu via o cais. E mãe Lúcia teve muita influência em mim. Ela sempre se preocupava em dizer: "Você vai ser grande branco." Ela era da Casa das Minas,[1] mas nunca me levou para lá, escondia tudo o que era de culto. As nossas velhas de antigamente queriam que a nossa gente negra fosse criada no mundo dos brancos. Não era por alienação, era para vencer. Eu é que fazia ao contrário. Eu sempre fui um assimilado ao contrário, um sujeito africanizado desde muito cedo. Foi uma infância que pareceu depois esquecida, mas mais tarde veio a marcar muito a minha vida. Agora, no dia 4 de dezembro, dia de Iansã, ela faria 100 anos se estivesse viva. Ela e papai morreram com dois meses de diferença. Eles se amasiaram, ele morreu, e ela morreu dois meses depois.

Como ele a conheceu, o senhor sabe dizer?

Quando se separou, ele foi para a casa de um compadre, uma república de portugueses, para onde eu fui também. E mãe Lúcia era a gerente. No Maranhão era assim: uma empregada-gerente e seis empregadas.

Para meu pai, eu seria doutor, estava escrito. No Maranhão, ia-se para Coimbra. A elite maranhense, graças ao algodão, que se fortaleceu com a Guerra de Secessão, era uma elite forte: João Lisboa;[2] o nosso mais famoso poeta, da *Canção do exílio*, Gonçalves Dias... Era uma elite, de mulatos até, criada em Portugal, Coimbra. A idéia do meu pai era que o filho mais velho fosse ser doutor em Coimbra e depois fosse médico de família da aldeia.

Qual era a aldeia dele?

A aldeia dele era Cabanões, conselho de Águeda, distrito de Aveiro. Traduzindo: a 80 quilômetros do Porto, entre Aveiro e Águeda. Em 1947 eu vou para Portugal – faço dez anos a bordo – com meu pai e meu irmão mais novo, que iria voltar. Fomos para a casa do vovô, onde papai passou uns oito meses, depois voltou. Em outubro de 1947, eu entrei na grande casa da minha vida: colégio interno João de Deus, no Porto. Era o melhor colégio do norte de Portugal. Isso é que era o valor para papai, e queeu repeti sempre: meus filhos sempre foram criados em colégios caros, acima das minhas posses – aquela coisa bem de português e das nossas mães negras também. O colégio interno João de Deus foi o grande laboratório da minha vida. Lá eu passei oito anos e fui tudo: editor, goleiro, chefe de cineclube, fundador do jornal. Até fui um aluno que parecia melhor do que era: tinha uma boa retórica e, na hora das notas, era aluno de oito, mas parecia dez! Ali foi muita camaradagem, muito apoio dos amigos. Eu sempre fui uma pessoa feita pelos amigos. Reparem: república de Serafim, meu padrinho; república de papai; colégio interno; república de estudantes em Coimbra; república do Porto; aí caso com uma angolana cuja casa era república dos africanos. Depois, acabaram-se as repúblicas, mas fundou-se o Centro de Estudos Afro-Asiáticos.

No colégio havia dois grupos: um numeroso, de brancos nascidos nas colônias, e um pequeno, de negros nascidos nas colônias. Mesmo os brancos já tínhamos uma unidade: o mesmo clima tropical, os mesmos frutos, as mesmas brincadeiras. Tínhamos uma identidade automática, eu e os brancos, e, depois, eu e os poucos negros, filhos de elites locais.

Os pais desses alunos não moravam em Portugal?

Não. Moravam nas colônias. Mandavam os filhos para estudar. Toda a minha vida africana vai ser assim: na casa de africanos cujos pais os mandavam estudar em Portugal. Montavam república, vinha a mãe deles, alugava para mais

filhos, e ficava aquela família africana, sobretudo angolana, que eu mais vivi. Desde pequeno minha escola foi a paternalista. Como um bom branco que se africaniza, ou que se negrifica, a primeira atitude que ele tem é o paternalismo. Acho que não larguei isso até hoje. Aos 15 anos comecei a ser dirigente da Juventude Escolar Católica. Tínhamos que carregar a bandeira, e era sempre um negro que carregava.

Em 1947, em Portugal, era o salazarismo. O senhor registrava isso?

Não. O que predominava era a identidade, mais do que a política. E mais ainda: em 1947 eu invejava aqueles que já eram mais graduados na Mocidade Portuguesa, órgão fascista da juventude. Meu namoro pelo fascismo – fascismo está um pouco exagerado – vai até a Universidade de Coimbra, onde eu chego ainda dirigente católico, com 18 anos, para fazer pedagogia, porque eu queria ser médico leigo na África. No colégio, passei a minha infância, até os 15, 16 anos, lendo livros católicos, livros de santos, livros de formação. Eu era mesmo assim: católico de direita ligado aos africanos. O corte se deu numa reunião do Centro Acadêmico Democracia Cristã, já em 1955, em Coimbra. Disseram: "O Zé Maria é a pessoa indicada. Nós estamos vendo que os nossos estudantes africanos estão muito rebeldes, não aceitam a praxe." A praxe é aquilo que o calouro sofre, o trote. A praxe em Coimbra era cortar os cabelos, e os negros diziam: "Não cortem nossos cabelos, porque demoram muito tempo a crescer. Os de vocês crescem em três meses." Disseram: "Zé Maria, você podia se aproximar mais desses meninos e nos trazer as informações de que precisamos." Só me lembro que foi um raio que caiu na minha cabeça. Foi ali, forte.

E de que informações eles precisavam?

Era para dizer: "Olha, vão fazer uma manifestação daqui a 15 dias. Olha, vão fazer isso..." Foi isso, e foi a demonstração de que os negros eram inferiores. Me demonstraram, e eu quase acreditei: "Então, um branco casa com uma preta. E o filho, sai de que cor? Bem mais claro! Depois o filho casa com uma branca... Logo, eles são uma raça em extinção, Zé Maria!" Ali, pronto, eu rompi e passei para o lado africano definitivamente.

Saí de Coimbra e vim para o Porto em 1956, para fazer medicina. No Porto, eu pertencia a uma grande instituição famosa, a Casa dos Estudantes do Império, à qual pertenceram todas as lideranças africanas que depois vieram a presidir os seus países. A Casa dos Estudantes do Império era uma instituição criada pelo governo com a finalidade de viabilizar um pouco a vida dos pretos, dos mulatos, dos filhos de colonos brancos: nós tínhamos república para dormir mais barato, restaurante... Mas nunca se pensava que aquela casa, com uma vigilância política tão grande, fosse ser um celeiro de intelectuais militantes. Por essa

casa passaram Amilcar Cabral, Agostinho Neto, Mondlane – que é antes de Samora Machel–, Marcelino dos Santos.[3] Enfim, ainda hoje, quando alguém quer me apresentar, diz: "Casa dos Estudantes do Império, Movimento Popular de Libertação de Angola no Brasil." Pronto. O calouro, o novato, só falta bater continência. Sou um "mais velho".[4]

Aí eu começo, de fato, a me africanizar. O presidente da Casa dos Estudantes do Império, que era caboverdiano, dizia: "Põe aquele branquinho brasileiro para ensinar aos miúdos história da África. Porque ele lê muito." Miúdos eram os calouros, estudantes do primeiro ano da universidade. Então ali eu comecei a sistematizar o estudo de África, comecei a me *kafrializar*. *Kaffir* é uma palavra árabe que significa "negro". Nas colônias, *kafrializado* – assim mesmo, com o *r* depois do *f* – é o branco que tem vida de negro, mora no interior, tem filhos mulatos, e nunca chega a ter dinheiro para voltar à metrópole, casar com uma branca. Eu me lembro que meu grande mestre na Casa dos Estudantes do Império foi Tomás Medeiros, que depois dirigiu o movimento de libertação de São Tomé e Príncipe. Ele abria aqueles baús, tirava uma porção de roupa suja e depois, lá por baixo, estavam os livros da *Présence Africaine*, de Paris, os livros de África.[5] Livros de história da África eram proibidos. E ele me emprestava com muito cuidado.

Ao mesmo tempo, existiam na comunidade africana – no Porto, em Coimbra e em Lisboa –, as repúblicas de estudantes e também os chamados "lares". O pai não mandava só o filho, mandava a filha. A primeira filha ficava num lar de freiras – a minha primeira mulher assim ficou. Com a segunda filha, ou mais um filho, ele mandava a mulher; a mulher formava um lar onde ficava a filha e o filho e onde ela alugava vagas para outras meninas. Formava-se um lar africano. Mãe Ceiçã, mãe Luíza, são os meus grandes lares africanos. Mãe Ceiçã, Conceição, era mãe de um grande jogador de futebol. Aí eu tenho aquela vida africana da comida, do vestuário... Eu engraxava os sapatos das velhas, comprava cigarro, fazia tudo para elas me contarem as histórias do antigamente. Pagava cerveja para aqueles marinheiros... O Porto tinha o seu porto, não é? Vinham aqueles marinheiros de navios portugueses, africanos, pretos, semi-analfabetos, e eu pagava cerveja para ouvi-los. E depois, todo mundo queria contar a sua história para aquele "branquinho nosso".

Militância política em Portugal e no Brasil

Quanto tempo o senhor ficou no Porto?

Fiquei no Porto de 1956 até 1961. Cinco anos. Não passei do terceiro ano de medicina. No primeiro ano, fui proibido de fazer as provas, com razão deles, por negligência administrativa, embora ninguém fosse punido dessa forma. Tec-

nicamente eles estavam certos, mas fui punido politicamente. Na segunda vez, fui expulso, mas com possibilidade de retornar no outro ano. Mas aí não retornei, porque começou a guerra em Angola, começou a perseguição, e eu estava envolvido no processo de organizar fugas para brancos que quisessem desertar de ir para a guerra de Angola. Eu já estava na semiclandestinidade, e meu padrinho, Serafim Tavares, um português comerciante amigo de papai, junto com nosso cônsul no Porto, me botaram num cargueiro inglês para o Brasil.

Qual foi sua atividade na semiclandestinidade?

Eu pertencia ao Clube Universitário de Cinema e era o único não-comunista da direção. Até ia entrar no Partido Comunista Português, cheguei a conversar com nossa comissária, mas aí foi todo mundo preso, e o Partido me colocou num organismo de unidades, as Juntas Revolucionárias, onde eu estaria encarregado de organizar a fuga de militares portugueses recrutados quando arrebentou a guerra em Angola. A guerra arrebentou em 4 de fevereiro de 1961, e no dia 15 de março Portugal fez um grande recrutamento. Os estudantes africanos em Portugal eram em número de 400; desses, mais de cem saíram em julho numa fuga organizada por uma instituição protestante internacional, com passaporte falso etc., da qual fui coadjuvante secundário. Foi um período muito difícil. Então o Partido se lembrou de que seus militantes brancos portugueses não queriam participar daquela guerra e de que era preciso facilitar sua fuga. Fui o *office boy* para movimentar essa fuga. Em todas essas histórias vocês vão ouvir muitas vezes a expressão *office boy*.

Cheguei a uma altura de militância muito exposta. Estávamos no período de eleições legislativas, durante o qual não se podia prender, a não ser em flagrante. As eleições seriam no dia 12 de novembro de 1961, dia em que eu seria preso, e embarquei no cargueiro inglês que partiu, graças a Deus, no dia 11. Partiu um dia depois – eu não sabia disso – de o meu grupo assaltar um avião de Marrocos para Lisboa. Foi o primeiro seqüestro de avião. Então, claro: "Zé Maria, do grupo do Porto." Outros tinham seqüestrado o navio *Santa Maria*, também em 1961.[6] Ou eu ia para fora ou seria preso. Só que deixei a noiva lá. Voltei seis meses depois para me casar, e outra vez foi necessária uma proteção grande da embaixada.

Cheguei ao Maranhão em dezembro de 1961, e em janeiro de 1962 estava na União Nacional de Estudantes, no Rio, nomeado assessor *ad hoc* para assuntos internacionais do Aldo Arantes.[7] Meu endereço: Praia do Flamengo, 132.[8] Morava em hotel e ali era o endereço que eu tinha.

Em São Luís, como seu pai o recebeu?

Não recebeu. Papai havia morrido, com 55 anos de idade. Foi uma das razões de eu voltar para o Brasil. Cheguei ao Maranhão precedido de uma certa

fama. Vocês não se lembram do padre Alípio de Freitas.[9] Era um padre que se juntou a Francisco Julião e participou das Ligas Camponesas. O padre Alípio era um português a quem papai convocou para ir ao Maranhão para ser o pároco dos imigrantes portugueses. Ele me apresentou para a comunidade como filho de Abel Pereira e, claro, como um sujeito de esquerda, do MPLA. Vim para o Rio recomendado à UNE, porque havia um maranhense na diretoria do Aldo Arantes. Eu chego, é uma novidade aquele brasileiro meio esquisito, que vinha de Portugal, falava com sotaque português, sabia coisas que as pessoas não sabiam e não sabia coisas da história do Brasil que todo mundo sabia.

O ano de 1962 é vital, do ponto de vista internacional, para os africanos. É o ano em que a revolução angolana está na ONU, o colonialismo português aqui está sendo defrontado, não com vitória, por Afonso Arinos, San Tiago Dantas e Renato Archer, que era o vice-ministro.[10] A UNE tinha uma grande posição junto aos governos socialistas, e eu era um instrumento importante. Em fevereiro, recebo uma tarefa. Disseram: "Vai chegar o grupo de 17 bolsistas africanos que o Jânio Quadros convidou" – já estávamos no governo João Goulart.[11] "Vão chegar e, portanto, te prepara para isso." Dois minutos depois veio a notícia: "Eles já estão lá embaixo." Eu desço e, na chefia deles, está o meu velho companheiro de política da Casa dos Estudantes do Império, Fidélis Cabral de Almada, que foi ministro da Justiça da Guiné-Bissau. Inauguro então a minha função de *office boy* do Itamaraty: levar os estudantes ao dentista, fazer sua matrícula...

Em julho de 1962 chega José Lima de Azevedo, com o pretexto explícito de estudar no Brasil e, embutido nesse pretexto, o de tentar legalizar um *bureau* de representação do MPLA.[12] Ele vai para a minha casa e ali começa uma outra fase importante da minha vida pessoal, que é ser o auxiliar principal do *bureau* político do MPLA aqui no Brasil. Depois chega outro dirigente e vai para São Paulo, o Costa Andrade, cujo nome de guerra era Ndunduma.[13] Ele era "cabrito", mistura de branco com mulato. Uma coisa curiosa: os negros assimilados – que eram uma minoria pequena, mas expressiva – tinham nomes portugueses, e os indígenas não tinham a cidadania portuguesa. Quando chegou a luta, os assimilados assumiram apelidos africanos, e os indígenas, que já eram africanos, não precisavam de nome da terra e assumiram apelidos como "Monstro Imortal", "Paganov", "Dangereux"...

Vocês já adivinharam que os nomes dos meus quatro filhos são todos africanos. O mais velho é Kassul Buanga. No Brasil não pegou "benjamin" para o filho mais novo; pegou a palavra quimbundo "caçula", que vem de *kassule*. É engraçado que as pessoas nem conhecem a palavra "benjamim", só sabem a palavra quimbundo. E Buanga significa lutador. É um nome muito comum. Buanga

Felê era o nome de guerra do maior intelectual da revolução angolana: Mário Pinto de Andrade.[14] Era uma figura simbólica, um grande intelectual na França, um militante, um fundador do MPLA. Ele era da nossa família e viria ao Brasil em outubro, quando meu filho nascesse, convidado por San Tiago Dantas e outros, do Itamaraty, e seria o padrinho do meu filho. Então eu botei o nome do meu filho de Buanga Kassule, "o Buanga mais novo", e, para poder sonorizar melhor, o Kassul passou para a frente: Kassul Buanga. Minha filha é Nahri Ramos da Cruz Nunes Pereira. Nahri é "florsilvestre", é um nome de Moçambique. Depois vem o nome mais pomposo: Samory Soundjata. Esses são dois imperadores do Mali, um do século XIV e outro do século XIX. É um nome inconveniente, pesado. Porque uma pessoa não dá a seu filho o nome de duas figuras históricas. Eu tenho um neto também chamado Samory. E depois, Luena, que é a minha mais nova. É um nome tão lindo. Luena é o nome de um rio e de um povo. A lenda conta que Luena era uma filha de um chefe local que foi obrigada a casar com um estrangeiro, gente importante, mas não quis e afogou-se no rio. E nasceu uma flor, tudo bonito. O nome não foi por causa da princesa; foi porque, quando ela nasceu, a guerra estava lá em cima, num quadrilátero, num cantinho de Angola, perto do rio Luena. Dá-se a independência e a povoaçãozinha que se chamava Luso, a capital, passou a chamar-se Luena, que virou nome de cidade.

Então, em 1962, chega aqui o José Lima de Azevedo.

E cria-se um *bureau* não-oficial do MPLA na minha casa. Tínhamos uma grande atividade no meio intelectual: Candido Mendes, Eduardo Portela, que eram figuras da época, José Honório Rodrigues e Jorge Amado.[15] O Jorge Amado tem um famoso artigo, "Saudações a Buanga Felê, chefe da luta em Angola".[16] E Maria Yedda Linhares, minha mestra. Essa era a atuação junto aos intelectuais, que nessa época estavam concentrados no Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos, que havia sido fundado por Jânio Quadros e é fundamental para explicar, mais tarde, a criação do Centro de Estudos Afro-Asiáticos. Em 1961, Candido Mendes era chefe de Assessoria Técnica Internacional de Jânio Quadros, José Aparecido era seu secretário particular, e Golbery do Couto e Silva era o chefe de gabinete da secretaria geral do Conselho de Segurança Nacional. Esses três fizeram amizade e, naquela Brasília da época, de 1961, passavam as noites juntos. Mais tarde, quando Golbery está fazendo a distensão de Geisel, Candido era membro da Comissão de Justiça e Paz do Vaticano, além de secretário aqui. Então Candido, com a Igreja, e Golbery, eram os grandes interlocutores. Isso está um pouco fora da ordem, mas é a razão principal por que o Centro de Estudos Afro-Asiáticos fazia cursos de guerrilha em plena Ipanema, em 1974, e o II Exército não invadia. Eram Candido, a figura vital do Vaticano, e Golbery, os dois interlocutores.

Bom, portanto: papel do MPLA no Brasil? Intelectuais realizavam conferências, e este locutor que vos fala vivia pendurado nas faculdades fazendo cartazes, murais, conferências e tal. Eu lembro que uma vez, no Sindicato dos Metalúrgicos, um certo senhor não gostou nada, porque tinha fotografias de guerrilhas. O senhor entrou e avisaram: "Tem um painel ali da luta de Angola." Ele não olhou. Entrou em frente. Era Luiz Carlos Prestes. Para ele, nós éramos agentes provocadores; não era hora de falar de guerrilha naquele tempo. E o velho tinha razão. Nem tinha razão de ter razão, porque acabamos perdendo por fazer barulho, perdendo por não fazer resistência... Enfim, era da época.

Outra coisa importante, que tocou muito os portugueses, foi a atuação de Lima de Azevedo nos sindicatos. Imagine os portuários boicotando o envio de feijão do Brasil para Portugal! E outras coisas assim, pequenas, mas que na época eram significativas. Depois até vinha o contrabando de armas, a esquerda tinha acesso a armas de fora... Era um projeto meio utópico.

Ora bem, por que 1962 foi um ano importante? Não foi só porque Angola estava em luta. Foi também porque em Angola havia dois movimentos rivais e nós estávamos perdendo para o nosso rival.[17] Era um período dificílimo para nós. O engraçado é que sofríamos na África e, no Brasil, tinha um *bureauzinho* vagabundo que fazia um grande estardalhaço e chegava a aparecer na imprensa internacional.

No final de 1962 criamos o Movimento Afro-Brasileiro Pró-Libertação de Angola, o Mabla, primeiro em São Paulo e depois no Rio. Em 1963 foi a radicalização. Nesse ano, aconteceu um grande congresso internacional do terceiro mundo na Bahia. Toda a nossa delegação foi: Angola e o PAIGC, o Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde, de que eu também era auxiliar. Nossa atuação começou então a incomodar os portugueses, primeiro os comendadores, depois a própria PIDE, a polícia política de Salazar.[18]

A prisão em 1964

Em 1963, o movimento cresceu e tivemos um jogo político importante. Lacerda começou apontando a sua candidatura para 1965; Lacerda e Kubitschek. Ora bem, aí é um papel que só mesmo você acreditando em mim e nos jornais da época. Vejamos o que era a comunidade portuguesa no Rio de Janeiro em 1963,64. Não havia Casas da Banha, não havia supermercados. Então, como é que a senhora comprava o arroz, o feijão? Na mercearia da esquina. Essa mercearia da esquina era fornecida pelos grandes grossistas, os atacadistas da famosa rua do Acre. Essa era uma força organizada pelo governo português. Estávamos naquele fio da navalha de Salazar: em 1963 começa a guerra na Guiné-Bissau – já não é só Angola – e Salazar diz: "O grande apoio que nós vamos ter é o Brasil. O

Brasil vai ser estratégico para a defesa do nosso plano. Primeiro, temos o Tratado de Amizade e Consulta:[19] o Brasil nada pode fazer, e não faz, sem nos consultar. O Jânio Quadros já foi embora e esse João Goulart, safado, a gente tem que domar."

O Rio de Janeiro, do ponto de vista do imigrante, era politicamente português, como São Paulo é italiano. A comunidade era grande, porque ela tinha um sustentáculo interno – os atacadistas – e 17 instituições portuguesas: Casa das Beiras, Casa do Douro, Casa do Minho... Inocentes casas com um poder de arrecadação de dinheiro enorme. Aquele português imigrante que ainda chegou nos anos 50 para ser balconista de uma padaria obtinha um financiamento da Caixa Geral dos Depósitos para poder comprar seu botequim, sua padaria, e alimentava o poder econômico da comunidade. E o poder político não precisava de dinheiro. O Itamaraty era no Rio de Janeiro. A capacidade de Salazar vir distribuir louvores, "puxa-saquismos", comendas, aos chefes da comunidade portuguesa era enorme. João Neves da Fontoura dizia que nós não tínhamos política externa com Portugal; Portugal era família e com família não há política externa.[20] Salazar tinha um grande investimento: cinco jornais, três importantes programas em emissoras de rádio... A comunidade portuguesa marcava presença. Nós tínhamos aqui deputados salazaristas mais salazaristas do que os de Portugal.

Lacerda olha para todo este aparato, que já o ajudara a eleger-se governador, e em 1963,64 está se preparando para a presidência. Agora vou direto ao assunto: em 1964, Lacerda facilita a instalação da PIDE no Brasil, sem grandes autorizações do governo central. Era a Gestapo portuguesa, como se dizia. A PIDE se instala secretamente no Brasil, na rua Santa Clara, nº 36, aquele prédio grande, e começa acompanhando o nosso movimento, o movimento dos nacionalistas africanos. Eu me lembro bem do agente da PIDE, todos nós sabíamos que o velho Gusmão era da PIDE. Mas achávamos que o Gusmão não podia fazer grande mal. Eu então, que era desse tipo, sempre tive que engolir papel porque sempre fui descuidado com segurança.

Há o golpe em 1964, e Lacerda consegue que a Marinha se associe à PIDE para controlar as nossas vidas e sobretudo as nossas prisões. Então vem um episódio revelador que está nos jornais. Eu sou preso em 8 de abril, me liberam, mas no dia 21 de junho vem nova prisão. Sou preso na minha casa junto com o José Manuel Gonçalves, com o Lima de Azevedo e com um português, Antônio Louro, que era antifascista e nos ajudava. Minha atuação era discreta, de *office boy*, e só apareceu porque a sede era na minha casa. Por isso é que, quando houve as prisões, o meu dossiê era enorme – assim conta Candido, que o Golbery mostrou a ele – e os outros dossiês eram menores. Eu disse: "Professor Candido,

o MPLA era na minha casa. Portanto, os documentos apanhados, em geral, eram imputados a mim porque a casa era minha."

No dia seguinte à minha prisão é que se revela a trama: aparece a Marinha lá em casa para fazer a limpeza total, desmontar a televisão, a minha biblioteca vai toda. O agente da Marinha ficou famoso depois como torturador – João Maria Perestrelo Feijó, comandante de mar-e-guerra. Toda essa gente era muito suave naquela época, muito delicada, muito esperta, gente que treinava. E a Marinha estava um pouco interessada em nós porque éramos um grupo que propagava a guerrilha, e eles tinham tido a experiência dos marinheiros.[21] Isso os seduziu um pouco a tomar conta do caso angolano e os levou a aceitar a PIDE. Quando o comandante Feijó vai inspecionar minha casa, vem um senhor com quem Feijó fala em inglês. E Filomena, minha mulher, não é craque em inglês, mas sabe o suficiente para participar. Ela era daquela aristocracia velha angolana, a chamada sociedade crioula, educada nos bons colégios, falava francês e inglês – Constância Filomena Ramos da Cruz Nunes Pereira. Daqui a pouco o comandante Feijó encontra um documento que incriminava diretamente a minha mulher como pertencente à Organização da Mulher Angolana. Ela estava com um filho no colo e com a barriga de seis meses – eu tenho dois filhos que nasceram em menos de um ano. Aí o Feijó disse: "Dona Filomena, guarda esse documento." O cara da PIDE vem e avança: "O que é isso?" Aí o comandante Feijó ficou ofendido e disse: "Dona Filomena, eu quero apresentar à senhora o agente Passos da PIDE." E dona Filomena: "Muito prazer." Veterana, já tinha pegado outras prisões minhas, no dia seguinte, com muita iniciativa, foi ao jornal. Dois ou três dias depois eu sei disso na prisão. Estou já na ilha das Cobras e vejo a manchete da *Última Hora*: "PIDE prende angolanos no Brasil." Filomena de dedo em riste com o filho no colo – ainda me lembro da fotografia da *Última Hora*. Aí foi uma denúncia. Depois *O Globo*, em resposta, publicou o dossiê todo apreendido pelo Cenimar.[22]

Nessa segunda prisão, sou interrogado por um advogado brasileiro com as perguntas de Angola, mas aquilo já com um certo constrangimento. Ao fim de 50 dias, sou solto, com *habeas corpus*. Essa prisão foi outra escola. Olha a minha cela: Marighella, Mário Alves, Ação Popular...[23] Era a chamada cela das forças populares, porque eram várias esquerdas, não é? Marighella, meu colega de colchão, que nunca se queixou de mim. Depois as pessoas me contaram que eu me mexia de noite e mexia no ferimento dele, que ele foi baleado. Foi uma prisão muito rica, eu cheguei um tempo a ser vice-xerife, portanto, a organizar as coisas. Eu lembro que, no dia em que fui solto, fui solto às três horas, e às cinco eu ainda estava fazendo a pauta para o dia: era uma conferência sobre centralismo democrático dada por Ivan Ribeiro.[24] Ivan Ribeiro era da sala conservadora do Parti-

do, ao lado. A nossa era a das forças populares e, defronte, aquela sala que nunca me sai da cabeça: a dos ferroviários e portuários. Minha senhora, um monte de latas de sardinha, de conserva! Aquilo é que era sala. O que eu apanhei? Coronhada. Na hora em que eu ia pegar sabão em pó nos olhos, foi preso o filho do general Resende.[25] Então amansou a repressão. Fui salvo pelo gongo. Ainda tinha uma coisa interessante: quando eu era deslocado de uma prisão para outra, quando passamos da PIDE para a ilha das Cobras, minha mulher era avisada por um daqueles guardinhas pretos... Porque eu era casado com preta; Louro, casado com preta; José Gonçalves, namorando com preta, então, era uma coisa estranha para aqueles soldados e marinheiros pretos. E a gente: "África, África..." Tínhamos uma popularidade muito grande.

Antes da sua prisão, o senhor vivia de quê, aqui? O senhor trouxe a sua mulher para cá, a família morava aqui...

Isso: vivemos de quê? Vou dar o depoimento do detetive do Dops me interrogando: "Profissão?" "Proprietário." "Gente, nós temos um capitalista aqui!" Fui ter emprego só em 1964, antes de 31 de março, no Ministério da Educação, no Programa Nacional de Alfabetização, método Paulo Freire. Não fui despedido, o meu emprego é que desapareceu. Eu vivia da herança de papai, aqueles bens imediatamente disponíveis. Depois virei propagandista médico, de produtos farmacêuticos. Tive umas vinte e poucas profissões, mais ou menos.

Do Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos ao CEAA

Gostaríamos de entender melhor o que aconteceu durante o governo Jânio Quadros em relação à África, inclusive a própria criação do Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos.

Ao se apagar o governo Jânio, a única coisa que ficou em relação à África, no plano do concreto, foram aqueles estudantes bolsistas. A política externa independente continuou, e até conseguiu ser mais sólida. De Jânio há um episódio interessante: ele abre duas embaixadas, uma em Gana, a outra no Senegal, e envia Candido Mendes a Gana para anunciar essa abertura.[26] Candido Mendes, diante de Kwame N'Krumah, presidente de Gana,[27] explica: "Senhor presidente, o meu presidente vai enviar para o senhor um embaixador negro." Quem seria o embaixador negro? Raimundo Souza Dantas, jornalista, vocês conhecem. N'Krumah disse: "Ótimo, mas diga ao seu presidente para mandar Souza Dantas para a Suécia e venha o senhor para cá." Eu ouvi isso. Claro, Candido esconde o "venha o senhor para cá", que ele só revela quando fala para estrangeiros, em inglês. Porque N'Krumah ficou entusiasmado com aquele brasileiro falando muito bem quatro línguas, sabendo as coisas da África. Candido era um pouco li-

gado a Julius Nyerere, presidente da Tanzânia, aquele presidente do "socialismo santo", que, por ser católico, era amizade do Vaticano.[28] Aliás, o embaixador não era para ser o Souza Dantas, era para ser o Milton Santos, que estava na França na época.[29] O Souza Dantas estava disponível e, assim, foi o escolhido para ser o primeiro embaixador negro brasileiro em Gana.

O período de Jânio Quadros tinha tido ambigüidade em relação às colônias portuguesas, devido ao peso político que Portugal tinha no nosso país. Vejam só: enquanto o representante brasileiro se abstinha, até os Estados Unidos votaram contra o colonialismo português em Angola, numa reunião do Conselho de Segurança da ONU, em 1961. O voto não foi vencedor porque França e Inglaterra vetaram. O Brasil votou quase sempre em abstenção; só votou uma vez favorável à descolonização de Angola, no governo João Goulart.

Jânio foram sete meses e João Goulart foram dois anos em termos de atividade diplomática possível. Nessa época, a luta em Angola estava feroz – não do ponto de vista militar, mas do ponto de vista político. Os americanos ainda estavam hesitando entre apoiar a independência de Angola e não apoiar. Isso era um problema entre o Pentágono e o Departamento de Estado, porque a grande arma de Salazar eram as bases dos Açores, indispensáveis para o Pentágono e para a Otan. Nós estávamos no ano da crise dos mísseis, ano de guerra fria, derrota da França na Argélia, e aí os americanos tiveram que abandonar a África e apoiar o colonialismo português.[30] O dilema se repetiu em 1973, quando Marcello Caetano não autorizou os aviões americanos a socorrer Israel em plena guerra. Henry Kissinger mandou uma carta desesperada, mais ou menos nesses termos: "Senhor presidente, por favor me mande autorização por escrito até as oito da noite, porque depois dessa hora os aviões americanos vão pousar nos Açores."[31] Parecia que Kissinger estava pedindo por misericórdia, porque senão teria que invadir os Açores desrespeitando o governo. Aí Marcello Caetano passou a carta.

Vamos deixar Jânio e vamos entrar em Candido. Candido Mendes é de 1928; portanto, em 1960, ele tinha 32, 33 anos. Era um menino brilhante, formado na PUC em direito, com doutorado, que dava aulas na Fundação Getulio Vargas. Atraiu a atenção da equipe de Jânio Quadros e foi ser chefe da Assessoria Técnica Internacional do presidente. Entrou com aquela vitalidade de traçar uma política externa brasileira, mas especialmente a política externa nova, aquilo que iria ser criado, a política para o terceiro mundo. Então: África. Candido e Eduardo Portela sentiram a necessidade de ter um gabinete de estudos, um instituto que pudesse, primeiro, reunir aquela elite que estava muito predisposta a discutir o tema: José Honório Rodrigues, San Tiago Dantas, Maria Yedda Linhares, Jorge Amado, Afonso Arinos.

O Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos foi criado pela Presidência da República em abril de 1961 para produzir políticas para o Itamaraty.[32]

Ou melhor, foi feito para cortar um pouco as bases do Itamaraty, que não evoluiu, no governo Jânio Quadros, para uma política de abertura para o mundo, não acompanhou a chamada política externa independente. Afonso Arinos, que foi ministro do Jânio, não era da carreira. A política do Itamaraty era uma política deapoio ao colonialismo português. Williams Gonçalves tem uma tese dedoutorado que é básica sobre Portugal e Brasil.[33] Por que nós entramos numa política de "seguidismo" de Portugal? Não era a nossa marca. Vamos lembrar rapidinho: estamos em 1944, Getúlio Vargas faz aquela barganha Alemanha-Estados Unidos, que todos conhecem... Eu vou resumir, simplificar, portanto, errar. Nós ganhamos uma importância grande: uma América do Sul neutra ou hostil, uma Argentina que era pior que nós, um Chile que não ia muito distante, enquanto nós nos alinhamos com os Estados Unidos triplamente: politicamente; com bases em Natal e em São Luís do Maranhão – uma basezinha pequena –, e com participação na guerra. Quem, na América Latina, participou na guerra? Claro que não foram os seiscentos mil africanos que participaram da Segunda Guerra Mundial. Foram 24 mil brasileiros. Isso nos deu uma relevância política. Os Estados Unidos queriam que nós pertencêssemos ao Conselho de Segurança da ONU.[34] Aí a União Soviética diz: "Não, espera lá, colônia não vale." Então não pertencemos. Mas fomos fundadores e Portugal não foi. Portugal foi entrarsó em 1955.[35] Então nós tínhamos uma importância.

Eis que termina a guerra, e em 1947 começa o risco de Itália e França, com partidos comunistas no governo, o risco de Berlim...[36] É a guerra fria, que traz toda a tensão americana para a Europa: Plano Marshall e tal. A gente sobreviveu ao governo Dutra, e entra Getúlio, que sente necessidade de um contraponto europeu. Repare: na guerra, nós tínhamos ganho, digamos, a maior expressão junto aos americanos na América do Sul. Depois perdemos isso e ficamos à procura de uma nova macroparceria, que seria a Europa. Mas como entrar na Europa? A porta do cavalo era Portugal. Daí o Getúlio fazer aquele Tratado de Amizade e Consulta com Portugal, queera uma satelitização da política brasileira a Portugal. Essa satelitização era visível no formal: tínhamos que consultar Portugal. O que objetivávamos eram os capitais europeus, que afinal acabaram vindo. Então, essa ligação nossa com Portugal é fruto do fracasso de uma reavaliação do Brasil nos interesses americanos, que vai vir logo em seguida, mas vai vir com Fidel Castro.

O senhor tinha contato com as atividades do Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos?

Eu chego aqui em janeiro de 1962, no governo João Goulart, e já encontro o Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos no prédio do Ministério da Educação, o Palácio Capanema, no Rio de Janeiro, que era onde estava a intelec-

tualidade que apoiava o órgão. Ele fazia duas coisas: aquilo que a gente não via, que eram os relatórios para o presidente, e uma atividade externa marcada por conferências, cursos e livros. Esses livros foram em número de cinco ou seis: um livro sobre África, com uma entrevista com Mário Pinto de Andrade; um sobre Israel; Candido faz um belo livrão sobre nacionalismo e desenvolvimento; Pereira Soares, também, outro sobre desenvolvimento... As conferências tinham impacto; eram realizadas ali no Ministério de Educação. Isso tudo em 1962, 63. Em 1963 os homens do Instituto estavam muito comprometidos também com a própria crise: retomamos o presidencialismo em janeiro e, depois... Eu me lembro que foi o ano da criação da Organização da Unidade Africana, a OUA, em maio.[37]

Uma pergunta: o que havia de "asiático" no Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos e no Centro de Estudos Afro-Asiáticos?

Isso é uma liçãozinha, e das boas. A tradição européia e americana, sobretudo européia, era de estudos de África e estudos do Oriente, o que incluía do mundo árabe ao mundo hindu, ao mundo chinês. Estudos afro-orientais. O centro de estudos da Bahia chama-se Centro de Estudos Afro-Orientais.[38] Em 1955, com a grande Conferência de Bandung, ocorreu o surgimento internacional dos países afro-asiáticos, ásio-africanos até, na época.[39] Consagrou-se a expressão "afro-asiático" e entrou o Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos, filho dileto desse espírito de Bandung, de Candido. Mais tarde, ao criarmos o Centro de Estudos Afro-Asiáticos, em 1973, Candido tinha a nostalgia de reviver, na iniciativa privada, na sua universidade, o projeto e o espírito do Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos. E eu analiso a linha histórica dessas denominações que correspondem a olhares diferentes. O olhar afro-oriental é um olhar colonial – embora com lucidez, com paternalismo. E o afro-asiático é a época da descolonização, da grande unidade afro-asiática, que depois vai ser tricontinental. Nós tivemos, de 1955 a 1974, os nossos anos de fogo, que foram os anos em que, graças à guerra fria e à descolonização, fizemos cara feia para o mundo. Em 1955 e 1956: Bandung e Suez.[40] Suez foi o enterro solene das veleidades franco-britânicas de restaurar o colonialismo.

Vamos reconstituir o processo que vai do Instituto até a fundação do Centro de Estudos Afro-Asiáticos, em 1973? O que acontece nesse período?

Depois de 1964, o Instituto foi absorvido pelo Ministério das Relações Exteriores e desapareceu. Candido diz que milhares de livros do Instituto foram parar no Centro de Estudos Afro-Asiáticos, mas não foi bem assim. A biblioteca do Instituto ficou absorvida pelo Itamaraty e nunca veio para o Afro-Asiático. O que aconteceu foi que encontraram umas centenas de volumes daqueles cinco livros, com mofo etc., no Palácio Capanema, e levaram para as instalações do Centro

de Estudos Afro-Asiáticos, em Ipanema. Aquilo nem foi aproveitado. A biblioteca toda do Centro, durante meses, não teve um livro de fora que não fosse meu.

Em 1966, antes da fundação do Afro-Asiático, nós inventamos outra confusão: uma grande frente de movimento negro com movimento africano. Foi a mais ampla frente: ia desde a nossa aristocracia do alto da Tijuca, aqueles médicos riquíssimos, até Tião Medonho e os artistas de cinema, passando por aqueles professores negros do Pedro II e pelo grande grupo de jovens atores – Milton Gonçalves, Antônio Sampaio, hoje conhecido como Pitanga, a nossa Ruth, Abdias do Nascimento na chefia, Antônio Olinto...[41] E organizamos, de 1965 para 1966, a Sociedade Africana de Cultura, sob o teto acolhedor da embaixada do Senegal no Rio de Janeiro.

Por que fizemos a Sociedade Africana de Cultura? Por causa do grande Festival de Arte Negra de Dacar.[42] A embaixada mais ativa no Brasil era a embaixada do Senegal, chefiada por Henri Senghor, um sobrinho de Léopold Senghor.[43] Esse festival mobiliza a comunidade artística negra. Vou lembrar aqui a cena: estou na embaixada do Senegal, em abril de 1966, numa das noites mais maravilhosas da minha vida. Aqui está Solano Trindade conversando comigo; aqui estão Donga, Pixinguinha, Paulinho da Viola, está aquele compositor e pintor *naif*, Heitor dos Prazeres.[44] Aqui está Clementina de Jesus,[45] que, pela primeira vez, conhece uma africana, que é a minha mulher. Aqui estão os paulistas, o Eduardo Oliveira e Oliveira, o grande Adalberto Camargo, que naquele tempo era só dono de empresa de táxi, aqui está Oswaldo de Camargo, outro poeta paulista...[46] Aqui estou eu e Ataulfo Alves.[47] Minha glória: naquele dia acompanhei Ataulfo Alves com caixinha de fósforo. Mas ele não soube dar valor... Olhou para mim e disse: "Tu enfeita como um branco." "Mestre, eu estou diante do senhor e não ia enfeitar?!"

No rescaldo disso esboçou-se a Sociedade Africana de Cultura, que não chegou a vingar. Eu me lembro que foi Joel Rufino dos Santos[48] o encarregado de me participar: "Zé, tu és um cara pra frente, nada tem a ver contigo..." – foi a primeira vez que ouvi essa expressão: um cara "pra frente". "Isso não é contigo, mas não vamos com vocês. Nós vamos nos separar." Eu disse: "Pena, porque a gente ia reunir uma coisa frágil, mas uma coisa ampla." A gente depois podia até fazer coisas paralelas, mas pegava o circuito da embaixada do Senegal. Não fizemos. E eles criaram o Grupo Ação, um grupo de teatro, que representou *Memórias de um sargento de milícias*.

A criação do CEAA

Em 1972 acontece um episódio marcante, que inicia esse nosso capítulo, que é a criação do Centro de Estudos Afro-Asiáticos. Candido Mendes, quando

tinha tempo, dava um curso na PUC do Rio de Janeiro sobre África. Naquele ano, o curso era sociologia política africana, no qual me inscrevi como ouvinte e para o qual acabei contribuindo, trazendo o mapa da África etc. Ele se lembrou de mim do Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos. Naquele momento eu estava trabalhando na Enciclopédia Mirador, onde eu tinha sido aprovado por Antônio Houaiss por causa da biblioteca. De todos os empregos da minha vida, não há um que não tenha sido influenciado pelo fato de eu ter uma biblioteca. A Enciclopédia foi o mais evidente; depois da Enciclopédia, o Afro-Asiático; depois do Afro-Asiático, os projetos que ganhei. Até o próprio propagandista: eu não devia ser propagandista porque havia sido aluno de medicina, mas acabaram percebendo que eu não voltaria a ser aluno de medicina e tinha bons livros e bom conhecimento. Então essa é uma justificativa que eu dou para a família: aquela biblioteca custou dois apartamentos, mas...

Pois bem, lá estava eu na Mirador Internacional, e mais ainda: o ministro Delfim Neto estava precisando de um trabalho sobre África e me disse: "Qual das três Áfricas é a que vale mais a pena? A África do Norte, a África negra, ou aquela África branca, África do Sul, Angola, Moçambique e tal?"[49] Ele queria apostar nessa África do *apartheid* e do colonialismo português. Não porque fosse a favor do colonialismo. Para ele era o mais rentável. E o Itamaraty estava, mesmo timidamente, defendendo a África do Norte e a negra. Por vias travessas o Delfim chegou a mim: seu chefe de gabinete, o embaixador José Maria Vilar de Queiroz,[50] me procurou, e eu passei a fazer também esse trabalho. Então essa conjuntura toda me leva a substituir Candido Mendes. Não de imediato. Os professores que substituíram Candido nesse curso de sociologia política africana, quando ele tinha que viajar a serviço do Vaticano, ou a serviço das coisas dele, eram Paulo de Castro, um português antigo exilado aqui; Samuel Pinheiro Guimarães, e eu me lembro que o último foi Luiz Alberto Bahia.[51] O Bahia não tinha de fato o conhecimento e teve dificuldades em sua aula. Eu não intervinha, mas daquela vez eu intervim. E ele disse: "Estou muito bem atualizado, porque estou aqui com um estudo que o ministro Delfim Neto me deu..." Contei a Candido, rimo-nos juntos.

Terminou o curso e fui a Candido para ele corrigir as provas. "Não, você corrige." Bom, sintetizando: da última vez era para ele dar as notas, eu dei as notas e, quando estava no último dia, eu disse: "Bom, professor Candido, então me despeço, muito obrigado..." "Não, senhor. O senhor vai dar o curso no ano que vem comigo." E ele me dava o chequezinho integral dele no final do mês. Eu disse: "É bom, professor Candido, porque eu tenho uma biblioteca em casa..." "O senhor tem uns livros em casa?" "É uma biblioteca, professor Candido. Não chega a dois mil, mas tem um arquivo." Ele gritou para o assistente: "Vicente Barre-

to, vem aqui! Vamos criar o Centro de Documentação Africana." Então, em 30 segundos criamos o Centro de Documentação Africana. Mas foi em 30 segundos, porque nem entramos na sala. Eu estava na ante-sala, o Vicente Barreto entra e, quando nos sentamos: "Precisamos de um financiamento... Instituto de Estudos Afro-Asiáticos..." O nome do Instituto era Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos, mas naquele momento ele nem falou nisso. Isso é importante para ver como as decisões de Candido eram fulminantes. Ele acertava, no tempo em que as coisas podiam ser mais facilmente acertadas e havia mais recursos. Naquele ano, Candido Mendes criou um centro semelhante ao Clube de Roma,[52] acerca do desenvolvimento – havia um pessimismo sobre a possibilidade de desenvolvimento mundial –, um centro sobre norte-sul, o Centro de Estudos Afro-Asiáticos, e chamou o meu velho adorado Hélio Silva, que fundou o Centro de Memória Social.[53]

Como foi criado o Centro? Demorou uns três meses para ser criado, porque não havia sala. Me reunia em casas, ele pagava o meu salário, pagava a metade do salário da secretária e eu pagava a outra metade. Depois ele pagou três pesquisadores, metade, e eu a outra metade, com os verbetes que eu estava escrevendo ainda para a Enciclopédia Mirador. Era uma coisa assim de um amadorismo brilhante. Até abril de 1973, o centro funcionou na minha casa. Em abril conseguimos três quartos de sala na Faculdade Candido Mendes de Ipanema, onde já havia a faculdade de economia e estava sendo aberta a de direito. O outro um quarto de sala era do Instituto de Estudos Jurídicos do grande Heleno Fragoso, nosso parceiro na Comissão de Justiça e Paz.[54] O Afro-Asiático foi criado com a colaboração gentil da empresa Gato Preto de mudanças, que transportou de minha casa quatro estantes e oitocentos e poucos livros, trouxe os arquivos, uma máquina de escrever 32 Lettera e o ventilador. No depósito de móveis velhos da faculdade, consegui arrancar umas mesas. E assim foi criado.

Em janeiro, quando ainda não tínhamos sala, fui ao Colégio Santa Rita, em Botafogo, um colégio de crianças, aluguei uma sala com aquelas cadeirinhas pequenas – não as infantis, mas as de criança –, e 30 alunos se inscreveram no primeiro curso de introdução à história da África. Entre os alunos estavam pessoas importantes: a mulher do Newton Carlos, de que eu não me lembro o nome no momento; Fernando Lopes, que hoje é deputado, mas foi secretário de Fazenda e era uma pessoa importante no jogo Brasil-Angola; Edmundo Dias, professor titular da Unicamp; o velho Moacyr Góes, e Conceição, a esposa dele. Era assim uma platéia...[55] O gostoso foi quando eu entrei no gabinete de Candido e, com todo orgulho e empáfia, depositei o cheque da receita do curso. "O que é isso?" Porque tínhamos um contrato – era uma coisa romântica –, que dizia que todo dinheiro que eu fizesse com o Afro-Asiático, eu devolvia a Candido. Depois eu dava umas aulas em vestibular, porque eu era muito ligado ao professor Francis-

co Falcon, e todo mundo sabia que no vestibular havia as perguntas de África. Então Zé Maria andava pelos colégios Anglo-Americano, São Vicente, e dava cursos.

Enfim,correu 1973 com cursos deextensão. Fizemos mais de uma dúzia de cursos de extensão. Uma vez Candido foi a Ipanema e abriu a porta errada. Quando abriu, estava um grupo de 50 alunos assistindo ao Zé Maria falando desesperadamente da libertação da África. E Candido ficou surpreso. Agora vale uma nota: estamos em 1973, naquele regurgitamento da linha dura,em que nem a PUCconseguia teruma aula de história contemporânea com o teor que tinham nossas conferências sobre desenvolvimento africano, modelo de desenvolvimento japonês, história da África, onde guerrilha era o filme do dia – tudo por causa da impunidade que tínhamos dada a posição histórica e conjuntural de Candido. Então acho que é importante dizer que 1973 foi um ano de maturação importante, porque nós influenciamos as escolas superiores, a Uerj, a UFF e a PUC.

Como era feita a divulgação desses cursos? Como as pessoas sabiam?

Nós tínhamos um grupo numeroso, com muita audiência. O Afro-Asiático era o lugar aonde as pessoas iam às seis da tarde. Depois de terminar as aulas na PUC, era aquela coisa: "Vamos ver o Afro-Asiático, o que aconteceu na revolução mundial, na revolução africana." Era assim. Quer dizer, isso tudo numa salinha em que não cabia meia dúzia. Mas a gente transbordava para uma sala de aula ali aberta. E não era só de África, era também de América Latina, que mais falta fazia. Não havia cursos de extensão na universidade naquela época. Não havia textos de apoio. O professor dava um curso na PUC sobre Oriente Médio e quem dava os textos de apoio, as *xeroxs*, e quem fazia uma apostilazinha éramos nós. Então era um centro, assim, de eco.

Para ver o que era, vou contar um episódio que aconteceu em 1974. O Afro-Asiático trabalhava aos domingos, porque todas as minhas coisas estavam lá e eu não podia fazer nada em casa. É a primeira vez que eu tenho esse raciocínio: é um centro em Ipanema, lugar inóspito para uma universidade,em cima de uma igreja etc., e aquilo deve ter atingido até o pessoal da rua. Porque só assim eu explico o episódio que aconteceu. Estou num domingo trabalhando e vejo uns passos no corredor e uma pessoa meio perdida. A cara dele me assustou, porque ele é muito parecido com o pai, Kwame N'Krumah, o pai do pan-africanismo moderno, a quem Candido tinha ido avisar que Jânio Quadros ia mandar um embaixador negro para Gana. Ele se apresentou: "Sou Francis N'Krumah, sou médico psiquiatra..." E sentou-se e começamos a conversar. Antes de contar o resto, que é rápido, eu fico pensando: como é que aquele homem chegou ali? Ele se identificou como africano, naquela coisa de rua, e alguém disse: "África,

África, ali!" Mandaram ele subir. Nitidamente. Não haveria outra hipótese. Mas aí N'Krumah senta-se ao meu lado e pouco depois ele tem um susto, porque ele estava olhando para mim e olhou para trás, onde estava o retrato do pai dele. Um retrato absolutamente não-oficial, tirado de um comício, que eu tinha mandado ampliar. Em seguida, levei-o à biblioteca: tinha livro do N'Krumah em português, já naquela época, que é o *Neocolonialismo, último estágio do imperialismo*; tinha a autobiografia dele em espanhol, sublinhadinha; tinha *My Life*, dele também, em inglês, e tinha um estudo em francês. Mas o que mais o surpreendeu é que era tudo sublinhado em vermelho, verde, anotações ao lado e tal.

Já havia um fluxo grande de militantes e de pessoas negras freqüentando o Afro-Asiático, nesse momento?

Já. Isso começa em abril de 1974. No dia 21 de março, Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, inventamos uma cerimônia e tivemos a ousadia de convidar Afonso Arinos, que topou.[56] Nunca tinha havido uma cerimônia comemorativa dessa data no Brasil. Afonso Arinos topando, o Itamaraty mandou o embaixador Jaime Portella, que então chefiava a representação do Itamaraty no Rio de Janeiro, também vir. Foi uma surpresa para Candido, naquele salão todo embelezado, em Ipanema. Foi o primeiro aparecimento, digamos, diplomático, do Afro-Asiático, um ano depois de ser criado.

Depois vêm da Bahia Juana Elbein dos Santos e o nosso Deoscoredes Maximiliano dos Santos, Mestre Didi.[57] Esposa e marido. São muito amigos de Candido, há muito tempo, e vieram para cá com a idéia de fazer uma grande exposição de arte sacra afro-brasileira, com o acervo de Didi e o acervo dos museus da Bahia. Era um conjunto lindo. Eles criaram, na oportunidade, a Secneb, Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil, que é uma das instituições criadas a partir da freqüência no Afro-Asiático. Ficamos com quatro ou cinco salões do Museu de Arte Moderna e abrimos com um *show* de Gilberto Gil, Jards Macalé e Djalma Correa, grande percussionista. E o Itamaraty entrou: "Conferências aqui, não. Vocês vão fazer conferências na universidade." Então nós fomos fazer as conferências sobre arte e questões afro-brasileiras em Ipanema, com um público muito reduzido. Algumas oficinas eles permitiram fazer, como a peça de teatro "Por que Oxalá usa ekodidé", que foi um sucesso.[58] O *show* do Gilberto Gil, do Macalé e do Djalma, naquele museu todo ocupado, deu um frenesi na turma negra. E agora nós vamos nos aproximando do momento em que o Afro-Asiático começa recebendo o pessoal negro. Na época, eu não me apercebi, mas tenho muito eco disso com as teses e estudos que têm sido feitos a esse respeito.[59]

Eu sempre achava que movimento negro era movimento negro. Eu tinha feito a experiência em 1966, contei para vocês, da grande organização negra. Mas depois eu disse: "Não. A função do Afro-Asiático – até a expressão que eu

usava era esta – será ser um almoxarifado do movimento negro. Aqui eles terão todos os livros sobre África, todos os livros sobre negro no Brasil." O que quero dizer com isso? "Não vamos bancar órgão militante do movimento negro. Nós somos metade brancos e metade africanos, então não vamos fazer isso." Esse meu propósito foi ultrapassado pelos acontecimentos. Até, inclusive, depois, o Afro-Asiático foi durante muitos anos, até 1986, a única instituição na história da universidade brasileira em que a maioria dos dirigentes, pesquisadores, técnicos e funcionários era negra. Mas isso naturalmente: cinco secretárias concorriam, as cinco eram negras. Depois, mais tarde, fizemos concursos financiados pela Ford, e aí, sim, os concursos eram para estudantes negros que tivessem condições de fazer mestrado e doutorado. Aí a palavra negro apareceu mesmo. Mas antes não, era natural.

Bom, feira essa nota prévia da estratégia que tínhamos de sermos um almoxarifado, voltemos a abril de 1974. Uma professora da UFF, Maria Berriel, estava fazendo, em suas aulas, uma pesquisa sobre um aspeto do racismo brasileiro, e não tinha livros suficientes na biblioteca da UFF. Então ela disse: "Olha, vocês vão ao Afro-Asiático, que lá tem uma boa biblioteca." E começaram a aparecer, eu sem me aperceber muito bem, aqueles dois, três, quatro negros. Ao mesmo tempo, a minha cunhada, que é nome histórico do movimento, Beatriz Nascimento, irmã de minha segunda mulher, Maria Isabel do Nascimento, havia publicadodois artigos na revista *Vozes*. Vendo aqueles alunos, eu disse: "Vem cá, vamos nos reunir aqui aos sábados. Tem aqui os textos de Beatriz e nós podíamos discutir..." E no primeiro sábado eu me lembro que foram umas 13 pessoas. Logo ao fim de cinco sábados eram 40, 50.

40, 50 negros brasileiros?

Negros brasileiros. Apareceram uns branquinhos, uns três ou quatro. Sabes o que é? Me veio agora ao pensamentoa frase: não tínhamos tempo para os brancos. Quer dizer, eu sou branco, mas sou aculturado. Vamos explicar: nós, para uma discussão proficua, não tínhamos tempo de explicar aos brancos as coisas básicas do racismo que já sabíamos. Então os brancos foram mais deixados para o lado e acabaram não freqüentando. O certo é que aquilo era impressionante. Depois das semanas afro-brasileiras que aconteceram no MAM em junho todo, a dimensão aumentou muito. Na chegada, eram grupos de três, de quatro, de cinco. Mas às dez da noite fechavam o prédio e então descia, e a palavra certa e científica é a "negrada", na praça Nossa Senhora da Paz. A hora da saída era a hora do impacto. E ninguém saía correndo para a fila do ônibus eentrava. Ficava aquilo ali vagando por Ipanema. Bom,eu vou adiantar, para depois não esquecer, que, ali por volta de setembro, Candido Mendes sofre a pressão do governo. Eu

digo pressão do governo porque as pressões vinham sempre através do Golbery do Couto e Silva. Nós estamos em 1974: a abertura geiseliana, lenta e tal. Em 1973 começam os ataques aos padres, e o meu Casaldáliga fazendo a revolução nos versos.[60] Está na hora do conflito com a Igreja. Então Candido tinha a Igreja e Golbery tinha Geisel – eram os dois dialogantes. Mas tudo que acontecia, Candido só me dizia: "O general..." E eu já sabia o que era. Então Candido recebe a pressão e diz para mim: "Se for preciso mistura uns brancos." Não foi preciso misturar os brancos, porque Golbery controlou a situação. Mas quando estava mais agudo, nós paramos, porque eu tive que fazer uma importante viagem à África, em 1974, e durante os dois meses em que viajei não tivemos reuniões.

O que se discutia nessas reuniões de sábado?

Nós tínhamos cinco salas grandes à disposição, então era público médio de 80. Distribuíamos ali por quatro, cinco salas os grupos e, durante a semana, um grupinho ia ao Afro-Asiático, escolhia os textos que iriam motivar as discussões de dinâmica de grupo aos sábados e fazia as cópias. Eram Carlos Alberto Medeiros, Paulo Roberto dos Santos, José Ricardo de Almeida...[61] Esse grupinho fica meio institucionalizado, aí começa a chamar-se Grupo Afro-Brasileiro, que tinha assento dentro da Candido Mendes. Não recebia salário, mas era mais oficialmente aceito. Então o que havia? Havia um clima de fermentação que deu origem à criação, entre 74 e 75, de quatro instituições: a Sociedade de Intercâmbio Brasil-África, Sinba; o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras, IPCN; o Centro de Estudos Afro-Brasileiros, Ceab, de Niterói, que logo se diluiu, e o Grupo de Trabalho André Rebouças, da UFF. E dentro tínhamos dois tipos de correntes. Uma, de inspiração marxista: velhos militantes do Partidão, normalmente os mais antigos, os mais, digamos, consolidados. Eu era um desses casos, como o Yedo Ferreira, o Amauri Mendes...[62] E o grupo acusado de "pró-americano", que eu acho que era o adequado para a época, por incrível que pareça. Esse era: "De que nós precisamos? De assumir uma identidade." Uma mistura dos dois foi o que deu mais certo.

O movimento negro dos anos 1970 e as mudanças no CEAA

Ora bem, o que tínhamos na época? Vamos começar pela conjuntura mais ampla. Essa conjuntura mais ampla é marcada pelo "milagre brasileiro",[63] resultado da repressão, mas também responsável pelo maior número de estudantes negros na universidade. O milagre, o novo mercado de trabalho, o pêndulo da repressão-distensão... Essa conjuntura brasileira é tingida de preto por um even-

to que, aparentemente, nada tem a ver: os bailes *soul* dirigidos por Asfilófio de Oliveira, o Filó,[64] por Carlos Medeiros e outros. Ora bem, os bailes *soul* eram tudo o que a gente precisava. Sabe o que é ver um preto bonito, dançando música forte que dizia coisa à gente? Era o *soul*, a batida *soul*, a letra, o vestir bem, o cabelo *black*... Aquela música agitada, aquele *écran* iluminado. Nós não tínhamos isso no nosso imaginário, nós tínhamos o samba. Com todo o respeito, meu Nei Lopes, meu compadre, o sambinha não fala do meu problema. Fala da minha namorada, mas não fala do meu problema. Primeiro: o samba não era de juventude, não era de garotada, no mínimo isso. Segundo: começava a haver uma preocupação em investir na beleza. A beleza não era só o afro, era o sapato, que era um símbolo da época, era a roupa justa. Esse era um clima amplo e local, brasileiro. Um clima de aparentes oportunidades, embora com uma desigualdade social crescente, mas uma desigualdade na qual uma faixa pequena, mas já razoável do pessoal negro, entrava na universidade.

Ao mesmo tempo, tínhamos a repressão e um Brasil que começava a reagir um pouquinho aos efeitos quase anestésicos de 1968 a 1973. Isso, aqui. Agora, olhem para os Estados Unidos. O nosso movimento negro dos anos 1970 é filho de 1968. Temos duas realidades. Uma realidade americana: movimento dos direitos civis, com Martin Luther King, mas também com Malcolm X como contra-imagem.[65] E tínhamos uma coisa que chegava a nós, que o Afro-Asiático trazia em imprensa, fotos, filmes e *slides*: a guerrilha, a luta do negro de arma na mão, e ganhando. Não era de arma na mão como os Black Panters e depois o FBI matando.[66] Não. Era luta ganhando. A luta da Guiné, então, era uma beleza. A de Angola, enfim, era pequena; a de Moçambique passava menos. Mas a da Guiné era, naquela época, estonteadamente vencedora, derrubava aviões. Era o máximo. E tudo isso muito próximo. Era a primeira vez que tínhamos, próximo a nós, a África na língua – direto em português –, nas imagens, nos africanos que começaram a chegar. Então, a cultura *black soul*, o movimento negro americano e o movimento guerrilheiro na África de língua portuguesa são os três sustentáculos dessa plataforma de nova luta do negro pela sua emancipação. E o Afro-Asiático é palco disso.

Em 1975, mais ou menos, as entidades começam a se criar, e os sábados perdem vez. Em vez de os sábados continuarem, o que continua? Os dias da semana. Já não é mais reunir aos sábados em grandes magotes, não. Se vai, na semana, fazer o curso do Afro-Asiático; se vai ler; se vão trocar experiências e idéias, organizar conjuntamente determinado evento. Nesse momento nasce o jornal *Sinba*, que é vendido no Afro-Asiático, que era uma grande vitrine.[67] Em 1977, a Inter-American Foundation financia o IPCN. E financia da melhor maneira, com a compra de uma sede. É a primeira vez que uma organização contem-

porânea negra tem sede própria. O que são organizações contemporâneas? São as que foram fundadas nessa década de 1970. Normalmente quem tem sede própria? As nossas organizações seculares: as irmandades, os clubes recreativos. Há, portanto, outro lugar para aglutinação, para movimento, e o Afro-Asiático não precisa mais exercer essa função.

Em 1979, recebemos o primeiro financiamento da Ford, que vai mudar o Afro-Asiático. Primeiro: a Ford não poderia e não estava interessada em financiar diretamente um programa exclusivo de movimento negro. Seu interesse era ver até onde ia a evolução do Brasil em relação à África. Ela diz: "Eu quero ver como é essa política brasileira para a África." E escolhe a melhor instituição, onde já estava situado o *office-boy* ideal, que já tinha atuado antes e que estava pronto para continuar a atuar. Uma instituição autonomíssima, em que Candido não tinha tempo de mandar. Pega um intermediário, um acadêmico, Michael Turner, negro americano de família antilhana, que havia sido professor de história.[68] Michael era uma pessoa que tinha feito Brasil e, quando era professor de história da África em Brasília, pegava um aviãozinho por conta dele e vinha para as reuniões decisivas do Afro-Asiático, em 1977, 78,79. Por causa disso – depois ele volta para os Estados Unidos e fica disponível –, a Ford o chama para ser o encarregado do projeto. E ele torcia por nós, era dedicado, muito firme.

Entrementes chega aqui uma americana branca, repórter do *Time Magazine* no Brasil, que namora um sul-africano, que está nos Estados Unidos e que ela queria que viesse para cá: "Qualquer salário serve..." E fala com o Zé Maria, que em 20 minutos admite Victor Vockerodt. Esse aí é outro que faz a história do Afro-Asiático. É um sul-africano *colored*, filho de xhosa com alemão – o avô era alemão. Pouco depois, João Carneiro desce de Angola, perseguido pelas lutas lá, vem e encontra emprego no Afro-Asiático. João Carneiro faleceu, era um dos nossos angolanos brancos. Depois, o Thierno Gueye, senegalês, que entra via Candido. Esses eram nossos avulsos africanos, que passavam por aqui e ficavam. E falta o principal deles: Jacques d'Adesky, que está até hoje. Cidadão belga nascido em Ruanda, mestiço, com 1,98m, a mãe tutsi e o pai belga, que, no pós-guerra, teve a ousadia – naquele tempo nunca se fazia isso – de tirar os cinco filhos mulatos de Ruanda e trazê-los para a Bélgica. Todos nós aqui dizemos: "Poxa, deixou a mãe sem os cinco meninos..." O que os colonos mais faziam era deixar. Ele, não. Ele levou. Hoje, todos eles, exceto Christine, são funcionários da ONU, muito bem colocados. Eu os vi agora na Bahia. Pois bem, como é que essa gente aparece aqui? É nesse período aí, de 1977, 78, em que Candido consegue investir mais no Afro-Asiático. Pouco depois, em 1980, vai chegando Manuel Faustino, de Cabo Verde.[69] Nós montamos um time! Este era o Afro-Asiático, agora amadurecido para uma outra fase.

Notas

1. Terreiro com organização matriarcal fundado por escravos africanos procedentes do Daomé, atual Benin, a Casa das Minas, localizada em São Luís, foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 2002. Ver http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php?id=44 e www.ufma.br/canais/gpmina/informacoes.asp, acesso em 21/3/2007.

2. João Francisco Lisboa (1812-1863) foi jornalista, deputado provincial pelo Maranhão e historiador. Ver http://www.academia.org.br, acesso em 28/5/2007.

3. Amilcar Cabral (1924-1973) fundou o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) em 1956 e foi um dos dirigentes da luta pela libertação da Guiné-Bissau. Em 1972, anunciou a criação de um governo provisório nos territórios controlados pela guerrilha do PAIGC, mas foi assassinado pouco depois, em janeiro de 1973. Seu irmão, Luís de Almeida Cabral, também fundador do partido, foi o primeiro presidente da República de Guiné-Bissau após a independência, em 1974. Agostinho Neto (1922-1979), líder e fundador do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), foi o primeiro presidente da República Popular de Angola, de 1975 a 1979. Eduardo Mondlane (1920-1969) foi o primeiro dirigente da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo). Samora Moisés Machel (1933-1986) tornou-se o líder da Frelimo após a morte de Mondlane e foi o primeiro presidente de Moçambique após a proclamação da independência, em 25 de junho de 1975, permanecendo no cargo até sua morte por acidente de avião, na África do Sul. Marcelino dos Santos (1929), poeta e político moçambicano, ocupou a vice-presidência da Frelimo e alguns altos cargos do governo de Moçambique. Ver Almanaque Abril (2002), Enciclopédia Abril (1971), Lopes (2004), Grande Enciclopédia Larousse Cultural (1998) e www.pluraleditores.co.mz/PLE 04.asp?area=2&ID=03, acesso em 28/2/2007.

4. A ancestralidade é um valor civilizatório presente em diversas culturas africanas. O "mais velho" é o sábio, respeitado e responsável, entre outras coisas, pela transmissão do conhecimento para as gerações futuras.

5. A *Présence Africaine* foi uma revista francesa, publicada em Paris e Dacar a partir de 1947, que tinha entre seus colaboradores escritores como André Gide, Albert Camus e Richard Wright, e intermediava as informações que chegavam da África, tornando conhecidos vários poetas negros de língua francesa. Tratava-se de órgão importante para a difusão do movimento literário que ficou conhecido como *Négritude* e que surgiu na década de 1930, reunindo produções que valorizavam o patrimônio cultural e a perspectiva negro-africana, em contraposição à cultura ocidental.

6. Em 10 de novembro de 1961, um avião da TAP, que havia saído de Casablanca, Marrocos, com destino a Lisboa, foi tomado em pleno vôo por seis guerrilheiros, comandados por Hermínio da Palma Inácio, que obrigaram o piloto a fazer um vôo rasante sobre a cidade de Lisboa. Os guerrilheiros jogaram pela janela de emergência 100 mil panfletos com apelos à revolta popular contra a ditadura. Em seguida, o avião pousou em Tânger, Marrocos, onde os guerrilheiros conseguiram asilo político. O seqüestro

do navio *Santa Maria* ocorreu dez meses antes, em 19 de janeiro de 1961, e foi executado por 20 membros da Direcção Revolucionária Ibérica de Libertação (DRIL), opositores do salazarismo em Portugal. O navio ia de Portugal para a América Central e acabou chegando, duas semanas depois, ao porto brasileiro do Recife, onde os revolucionários se entregaram às autoridades brasileiras e pediram asilo político. O assalto ao *Santa Maria* entrou para a história ao introduzir a prática de seqüestrar navios e aviões com fins políticos. Ver http://museu.marinha.pt/Museu/Site/PT/Extra/Popups/OnavioSantaMaria.htm e http://www.correiodamanha.pt/noticia.asp?id=220480&idselect=9&idCanal=9&p=200, acesso em 3/5/2007.

7. Aldo Arantes foi presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE) de 1961 a 1962, militou na Juventude Universitária Católica (JUC) e depois na Ação Popular(AP). Nos anos 1970, filiou-se ao Partido Comunista do Brasil (PC do B). Mais tarde, entre 1983 e 1999, cumpriu quatro mandatos como deputado federal pelo estado de Goiás. Ver*DHBB*.

8. Endereço da sede da UNE.

9. Padre Alípio de Freitas foi membro da comissão militar e dirigente nacional da AP e integrante das Ligas Camponesas. Ver www.usinadaspalavras.com/index.html?p=ler_texto&txt_id=17926&cat=6, acesso em 28/2/2007.

10. Afonso Arinos de Melo Franco havia sido ministro das Relações Exteriores no governo Jânio Quadros, quando desempenhou papel importante na formulação da chamada "política externa independente", que abandonou o alinhamento automático com os EUA e defendeu um novo padrão de relacionamento com o mundo afro-asiático, baseado na condenação ao colonialismo. Durante sua gestão coordenou a abertura das embaixadas do Senegal, Guiné, Nigéria e Congo. Seu sucessor, já no primeiro gabinete parlamentarista de João Goulart, foi San Tiago Dantas, que nomeou Renato Archer subsecretário do ministério, função que compreendia a substituição do titular sempre que necessário. Em setembro de 1961, Afonso Arinos chefiou a delegação brasileira à XVI Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York, onde assumiu a direção do movimento pela autonomia de Angola. A delegação brasileira apoiou a resolução anticolonialista aprovada pela Assembléia, mas rejeitou o item que condenava explicitamente o governo português. De julho a setembro de 1962, durante o gabinete parlamentarista de Brochado da Rocha, voltou à chefia do Ministério das Relações Exteriores. Ver*DHBB*.

11. Em bilhete dirigido ao Ministério das Relações Exteriores e datado de 10 de março de 1961, Jânio Quadros autoriza a concessão de 20 bolsas de estudos, ainda em 1961, e mais 280 distribuídas nos anos de 1962 a 1965, para estudantes africanos de medicina, farmácia, odontologia, arquitetura, agronomia e veterinária (Quadros, 2006: 331).

12. Segundo informações de The Róbinson Rojas Archive, José Lima de Azevedo, angolano de nascimento, era estudante de economia em Portugal, onde presidiu a Federação de Estudantes Africanos. Com o início da luta pela libertação de Angola, em 1961, e o início das perseguições políticas pela ditadura salazarista em Portugal, refugiou-se no Brasil, onde continuou seus estudos universitários. Após o golpe de 1964, foi preso três vezes no Rio de Janeiro pelos órgãos de segurança em colaboração com a polícia secreta de Portugal, a Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE), que pretendia obter informações sobre organizações guerrilheiras de Angola. As forças de segurança

brasileiras ameaçaram Lima de Azevedo de extradição para Portugal. Ver http://www.rrojasdatabank.info/bras0000/brasc317.pdf, http://www.rrojasdatabank.info/bras0000/brasc311.pdf e http://www.uc.pt/cd25a/wikka.php?wakka=Espolio8, acesso em 31/5/2007.

13. Fernando da Costa Andrade "Ndunduma" (1936) é formado em arquitetura e foi diretor do Departamento de História do MPLA e do *Jornal de Angola*. Foi deputado na Assembléia Nacional de Angola pelo MPLA durante três mandatos, a partir das eleições de 1992. Ver http:// www.parlamento.ao/deputados/mpla/fernando_costa_andrade.htm, acesso em 4/5/2007.

14. Mário Pinto de Andrade (1928-1990) foi presidente do MPLA entre 1960 e 1962 e dedicou-se em seguida à atuação como intelectual, participando de seminários e fóruns, onde representou uma importante voz na luta pela independência angolana. Além de artigos e ensaios, publicou os livros *Antologia temática de poesia africana* (1953, 1979) e *Origens do nacionalismo africano* (1997). Ver www.fundacao-mario-soares.pt/arquivo_biblioteca/dma_biografia.asp, acesso em 28/2/2007.

15. Eduardo Matos Portela (1932) atuou como jornalista e intelectual nas áreas de letras e educação, foi diretor executivo do Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos, órgão da Presidência da República, entre 1961 e 1964, e ministro da Educação durante o governo de João Figueiredo (1979-1980). O historiador e ensaísta José Honório Rodrigues (1913-1987) foi professor no Instituto Rio Branco e em diversas universidades do Rio de Janeiro. Publicou, entre outras obras, *Brasil e África: outro horizonte* (1961). Jorge Amado (1912- 2001) escreveu dezenas de romances, sendo o primeiro *O país do carnaval*, publicado em 1931. Ver *DHBB*, www.biblio.com.br/conteudo/biografias/josehonoriorodrigues.htm e www.fundacaojorgeamado.com.br, acesso em 1º/3/2007.

16. Trata-se de entrevista de Jorge Amado com Mário Pinto de Andrade, publicada sob o título "Conversa com Buanga Fêlê, também conhecido como Mário de Andrade, chefe da luta em Angola" (Amado, 1962: 25-30). Ver http://www2.ebonet.net/vkajibanga/docs/VitorMapifinal.doc, acesso em 27/2/2007.

17. O entrevistado refere-se ao MPLA, do qual fazia parte, e ao seu principal oponente naquele momento, a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA).

18. A Polícia Internacional de Defesa do Estado, PIDE, surgiu em 1945, no contexto do final Segunda Guerra Mundial, e foi mantida até 1969, quando mudou de nome para Direção Geral de Segurança (DGS). Essa mudança fez parte da política de reformas de Marcello Caetano, que havia assumido o governo de Portugal em 1968, após o afastamento, por doença, do general Salazar, que comandava o regime desde 1933. Ver http://www.citi.pt/cultura/artes_plasticas/desenho/alvaro_cunhal/pide.html, acesso em 4/5/2007.

19. O Tratado de Amizade e Consulta entre Brasil e Portugal foi assinado no Rio de Janeiro, em 16 de novembro de 1953. Ver http://www2.mre.gov.br/dai/b_port_139_3927.htm e www.senado.gov.br, "Legislação", acesso em 2/3/2007.

20. João Neves da Fontoura (1889-1963) foi embaixador do Brasil em Portugal entre 1943 e 1945 e duas vezes ministro das Relações Exteriores: em 1946, durante o governo de Eurico Dutra, e de 1951 a 1953, durante o segundo governo Vargas. Ver *DHBB*.

21. Em 25 de março de 1964, cerca de dois mil marinheiros, sob a liderança de José Anselmo dos Santos, o "cabo

Anselmo" – que depois seria identificado como agente de informação dos órgãos de repressão –, reuniram-se na sede do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, comemorando o aniversário de dois anos da Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil e desobedecendo às ordens do ministro da Marinha, que proibira o funcionamento da entidade. O ministro ordenou o cerco ao local, mas o presidente João Goulart proibiu sua invasão. Sentindo-se desprestigiado, o ministro da Marinha renunciou. Os revoltosos foram presos, mas logo anistiados por Goulart, o que causou revolta entre os oficiais, que consideraram o ato um incentivo à quebra da hierarquia militar. Ver *DHBB*.

22. Centimar: Centro de Informações da Marinha.

23. Carlos Marighella, nascido em 1911 e membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB) desde 1934, foi preso em maio de 1964, em um cinema, no Rio de Janeiro, onde foi baleado, e permaneceu 80 dias na prisão, sendo solto por *habeas-corpus*. Em novembro de 1969 foi morto em uma emboscada na cidade de São Paulo por agentes do Dops. Mário Alves, nascido em 1923, era membro do PCB quando foi preso em julho de 1964 e libertado um ano depois, também por *habeas-corpus*. Preso novamente em janeiro de 1970 pelo DOI-Codi do Rio de Janeiro, morreu sob tortura. A Ação Popular (AP) foi fundada em 1962 e reunia membros da Juventude Universitária Católica (JUC) e da Juventude Estudantil Católica (JEC). Após o 31 de março de 1964 muitos de seus membros foram presos ou passaram à clandestinidade. Ver *DHBB* e www.torturanuncamais.org.br, acesso em 5/3/2007.

24. Ivan Ribeiro, nascido em 1911 e filiado ao PCB desde 1933, foi preso em junho de 1964, só sendo solto em junho do ano seguinte. Faleceu em 1970, durante uma reunião clandestina do comitê central do PCB. Ver *DHBB*.

25. O economista Sérgio de Resende, filho do general Estevão Taurino de Resende, foi preso em Recife em julho de 1964, acusado de participar de ações subversivas. Ver *DHBB*, verbete "Taurino de Resende".

26. As relações diplomáticas entre o Brasil e Gana foram estabelecidas em 1960, com a criação da Legação em Acra, capital, elevada à categoria de embaixada no ano seguinte. Raymundo Souza Dantas foi o primeiro embaixador. Ver http://www2.mre.gov.br/deaf/daf_1/gana2.htm e http://brasilghana.org/cultura/historia_tabom.htm, acesso em 26/4/2007. Em bilhete dirigido ao Ministério das Relações Exteriores e datado de 6 de abril de 1961, Jânio Quadros determinou a instalação imediata de embaixadas do Brasil em "Dacar (Senegal), com serviço consular; (...) em Conacri, na Guiné, cumulativa com Mali; (...) em Lagos, na Nigéria, cumulativa com a República dos Camarões, (...) em Abidjã, na Costa do Marfim, cumulativa com Alto Volta, Níger e Daomé; (...) em Acra, na Gana; (...) em Adis-Abeba, na Etiópia", e de consulados "em Salisbury, na Rodésia; (...) em Leopoldville, no Congo; (...) em Nairóbi, no Quênia." No dia seguinte, um novo bilhete reforçou a urgência: "As embaixadas e consulados na África têm absoluta prioridade na instalação." Ver Quadros (2006: 351-52).

27. Kwame N'Krumah (1909-1972) foi líder no processo de emancipação de Gana em 1957 e presidente desse país de 1960 a 1966. Ver http://www2.mre.gov.br/deaf/daf_1/gana2.htm, acesso em 1º/3/2007.

28. Julius Nyerere foi o primeiro presidente da República Unida da Tanzânia e permaneceu no cargo de 1964

até 1985. Ver http://www2.mre.gov.br/dea/daf_3/tanzania2.htm, acesso em 1º/3/2007.

29. O geógrafo Milton Almeida dos Santos (1926-2001), formado pela Universidade Federal da Bahia (1948), doutorou-se na França, pela Universidade de Strasbourg (1958), e foi professor na França e nos Estados Unidos, nas décadas de 1960 e 1970. www.nossosaopaulo.com.br/Reg_SP/Educacao/MiltonSantos.htm, www.teatrobrasileiro.com.br/entrevistas/stoklos-santos.htm e ww.mercator.ufc.br/revista%20mercator%201%20em%20pdf/mercatorlartigo1.pdf, acesso em 24/5/2007.

30. A crise dos mísseis seguiu-se à instalação de mísseis soviéticos em Cuba, em 1962, em resposta à instalação de mísseis nucleares norte-americanos na Turquia, em 1961. O reconhecimento da independência da Argélia pela França ocorreu em 1962, após violenta guerra iniciada em 1958, tendo sido proclamada a República Popular Democrática da Argélia após as eleições. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Argelia, acesso em 2/3/2007.

31. Marcello Caetano (1906-1980) permaneceu à frente do governo de Portugal de 1968 até a Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974. Em outubro de 1973 ocorreu a Guerra do Yom Kippur, o "dia do perdão". Egito e Síria atacaram Israel em uma das principais datas religiosas do calendário judeu, tentando recuperar os territórios perdidos na Guerra dos Seis Dias (1967). Israel reagiu, bombardeando Damasco, e o conflito se encerrou após 19 dias, sem apresentar alterações territoriais. Na ocasião, Henri Kissinger era secretário de Estado dos Estados Unidos, cargo que exerceu de 1973 a 1977.

32. O Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos (IBEAA), com sede em Brasília, foi criado pelo Decreto nº 50.465, de 14 de abril de 1961, na qualidade de "centro de altos estudos destinado a incrementar as relações do Brasil com o mundo afro-asiático". Ver "Legislação Federal", em www.senado.gov.br, acesso em 10/4/2007.

33. Gonçalves (1995). Ver "Plataforma Lattes", www.cnpq.br, acesso em 28/2/2007.

34. A Organização das Nações Unidas (ONU) foi fundada em outubro de 1945, sendo então integrada por 51 países, inclusive o Brasil. O Conselho de Segurança é composto por 15 países, sendo cinco membros permanentes – China, França, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (hoje, Federação Russa), o Reino Unido e os Estados Unidos – e dez escolhidos por um período de dois anos. O Brasil já foi membro não permanente do Conselho de Segurança da ONU por dez biênios não consecutivos, sendo o primeiro de 1946 a 1947. Ver www.onu-brasil.org.br, acesso em 6/3/2007.

35. Portugal ingressou na ONU em 14 de dezembro de 1955, com mais 16 Estados, após um acordo entre a União Soviética e os Estados Unidos, que vetavam sistematicamente a admissão de candidatos do bloco oposto. Ver www.ciari.org/investigacao/portugal_e_a_onu.htm, acesso em 24/5/2007.

36. Na Itália, nas eleições de 1948, houve um enfrentamento claro entre o centro e a esquerda e, na França, as primeiras três eleições do pós-guerra (outubro de 1945, junho de 1946 e novembro de 1946) testemunharam um avanço considerável dos partidos de esquerda. Quanto a Berlim, trata-se do bloqueio de Berlim Ocidental pela União Soviética, que vigorou de junho de 1948 a maio do ano seguinte,

seguindo-se a essa crise a divisão da Alemanha em dois países (1949). Disponível em http://www2.mre.gov.br/ipri/Papers/França/Antonio%20Lessa.doc e www.terra.com.br/voltaire/mundo/2002/09/25/001.htm, acesso em 14/3/2007.

37. A Organização da Unidade Africana (OUA) foi criada em Addis-Abeba, Etiópia, em maio de 1963, por 32 países africanos independentes. Essa organização foi antecessora, até 2002, da União Africana (UA). Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Organization_of_African_Unity, acesso em 8/3/2007.

38. O Centro de Estudos Afro-Orientais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia foi criado em 1959, por iniciativa do professor português George Agostinho Baptista da Silva (1906-1994), que viveu no Brasil de 1947 a 1969, perseguido pelo regime salazarista. Ver www.ceao.ufba.br, http://www.ese.ips.pt/ese/destaques/agsilva/biografia.htm e http://pt.wikipedia.org/wiki/Agostinho_da_Silva, acesso em 24/5/2007.

39. A Conferência de Bandung, realizada em 1955, na Indonésia, tinha como objetivo promover a cooperação econômica e cultural afro-asiática, como forma de oposição às influências dos Estados Unidos e da União Soviética. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Conferencia_de_Bandung, acesso em 8/3/2007.

40. Em julho de 1956, o presidente egípcio Gamal Abdel Nasser nacionalizou o Canal de Suez, acabando com o controle anglo-francês sobre a região. Em outubro, França, Grã Bretanha e Israel iniciaram uma guerra contra o Egito. Israel tomou a península do Sinai, e Inglaterra e França conquistaram Port-Said, na entrada do canal. A invasão repercutiu negativamente junto à opinião pública mundial, e o Conselho de Segurança da ONU exigiu, com os votos favoráveis dos Estados Unidos e da União Soviética, que os três países se retirassem do Egito. Em seguida, tropas da ONU passaram a ocupar a fronteira entre Israel e Egito. Disponível em: www.cpdoc.fgv.br/nav_jk/htm/O_Brasil_de_JK/A_crise_do_canal_de_Suez.asp, acesso em 8/3/2007.

41. Tião Medonho foi a personagem protagonista do filme *Assalto ao trem pagador*, de Roberto Farias, vivido pelo ator negro Eliezer Gomes, em 1962. Milton Gonçalves, ator e diretor, surgiu no cenário artístico no final da década de 1950. Atuou no Teatro de Arena em São Paulo, onde participou de montagens que abordavam a questão do negro, tais como *Arena conta Zumbi* e *A mandrágora*. Na televisão, distinguiu-se nas funções de ator e diretor de telenovelas e programas especiais da Rede Globo. Ao longo de sua carreira tomou como preferência não interpretar personagens que ferissem a auto-estima dos afrodescendentes. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u52190.shtml, acesso em 19/8/2005; ver também Lopes (2004). Antônio Pitanga é pseudônimo de Antônio Luiz Sampaio, ator e político. Foi vereador do Rio de Janeiro (1993-2000) e secretário de Ação Social, Esporte e Lazer do estado do Rio de Janeiro (1999). Entre outras produções cinematográficas, participou dos filmes *Ganga Zumba* (1964) e *Quilombo* (1984). Ruth Pinto de Souza (1921) iniciou sua carreira em 1945 no Teatro Experimental do Negro (TEN), atuou nas primeiras radionovelas do país e nos teleteatros das TVs Tupi (Rio) e Record (São Paulo), na década de 1950. Em 2004 participou de *Filhas do vento*, filme de Joel Zito Araújo. Disponível em: www.adorocinema brasileiro.com.br/personalidades/ruth-de-souza/ruth-de-souza.asp, acesso em 30/8/2005. Abdias do Nascimento (1914)

fundou o TEN em 1944 e foi um dos organizadores da Convenção Nacional do Negro, encontro realizado por dois anos (1945 e 1946), no Rio e em São Paulo, que propôs à Constituinte de 1946 a tipificação da discriminação racial como crime de lesa-pátria. Participou também como organizador do primeiro Congresso do Negro Brasileiro, em 1950. Em 1968 exilou-se nos Estados Unidos, em decorrência do endurecimento do governo militar, e foi professor em diversas universidades norte-americanas. Participou da fundação do Movimento Negro Unificado, em 1978. Foi deputado federal pelo Rio de Janeiro entre 1983 e 1986 e senador pelo mesmo estado de 1991 a 1992 e de 1997 a 1999. Ver *DHBB*. Antonio Olyntho Marques da Rocha (1919), escritor e crítico literário, foi nomeado adido cultural em Lagos, Nigéria, em 1962, exercendo o cargo por três anos. Em 1964 publicou *Brasileiros na África*, resultado de pesquisa sobre o regresso dos ex-escravos brasileiros ao continente africano. Foi professor visitante na Universidade de Columbia, em Nova York (1965-1967), e adido cultural em Londres a partir de 1968. Escreveu inúmeros romances, ensaios e poesia e ingressou na ABL em 1997. Ver www.academia.org.br, acesso em 8/3/2007.

42. O Festival Mundial de Arte Negra ocorreu no ano de 1966, em Dacar, no Senegal. Ver Lopes (2004).

43. Leopold Senghor (1906-2001), poeta senegalês e um dos líderes do movimento literário *Négritude*, foi o primeiro presidente da República do Senegal, cuja independência ajudou a proclamar, em 1960, permanecendo no poder, após sucessivas reeleições, até 1981. Ver Lopes (2004).

44. Solano Trindade (1908-1974), poeta e ator, participou do I Congresso Afro-Brasileiro, em Recife, em 1934, e fundou, em 1936, a Frente Negra de Pernambuco e o Centro de Cultura Afro-brasileira. Na década seguinte fundou o Teatro Popular Brasileiro e a Orquestra Afro-brasileira. Publicou, entre outros, *Poemas de uma vida simples* (1944), *Seis tempos de poesia* (1958) e *Cantares ao meu povo* (1961). Ver http://www.portalafro.com.br/literatura/solano/solano.htm, acesso em 28/5/2007. Donga (1889-1974), apelido de Ernesto Joaquim Maria dos Santos, compositor brasileiro, foi um dos autores de "Pelo telefone", em 1916, que ficou conhecido como o primeiro samba registrado. Pixinguinha (1989-1973), pseudônimo de Alfredo da Rocha Viana Filho, foi saxofonista, flautista e compositor. Paulinho da Viola (1942), pseudônimo de Paulo César Batista de Faria, músico e compositor, gravou inúmeros discos desde a década de 1970. Ver http://www.paulinhodaviola.com.br/portugues/biografia/biografia.asp, acesso em 28/5/2007. Heitor dos Prazeres (1898-1966), ex-menino de rua, foi um dos fundadores das escolas de samba Portela e Mangueira, autor de sucessos como a marcha "Pierrô apaixonado" (em parceria com Noel Rosa) e projetou-se como pintor na Bienal de São Paulo de 1951. Para todos os citados, ver também Lopes (2004).

45. Clementina de Jesus (1901-1987), cantora brasileira, estreou nos palcos em 1965 com o musical *Rosa de ouro*. Durante sua carreira se dedicou aos ritmos musicais de jongo, corimas, lundus e sambas da tradição rural. Sua única viagem ao exterior foi como integrante da delegação brasileira do Festival Mundial de Arte Negra, em Dacar, em 1966. Ver Lopes (2004).

46. Eduardo Oliveira e Oliveira (1928-1980), sociólogo, fez parte da Associação Cultural do Negro, criada em 1954, em São Paulo, e foi fundador do grupo de teatro Evolução, no interior do estado, em 1971, e do Centro de Estudos

e Arte Negra (Cecan), em 1972. Adalberto Camargo (1923), político e empresário, foi diretor de várias empresas em São Paulo, entre elas a Táxi Amarelinho S.A. Foi o primeiro negro a se eleger deputado federal por São Paulo, em 1966, assumindo a cadeira em janeiro do ano seguinte. Reeleito três vezes, permaneceu ao todo quatro legislaturas na Câmara, de 1967 a 1983. Ver *DHBB*. Oswaldo de Camargo (1936), escritor e poeta, publicou, entre outros, *Um homem tenta ser anjo* (1959), *15 poemas negros* (1961), com prefácio de Florestan Fernantes, e *O negro escrito* (1987). Foi também co-fundador do grupo Quilombhoje Literatura, em 1980. Ver www.usp.br/nce/africabrasil/paginas/presenca e www.quilombhoje.com.br/calendario/calendario.htm, acesso em 8/3/2007.

47. Ataulfo Alves (1909-1969), compositor e cantor brasileiro, também esteve no Festival Mundial de Arte Negra de Dacar, em 1966. Ver Lopes (2004).

48. Joel Rufino dos Santos (1941), historiador e jornalista, integrou a equipe de historiadores que elaborou a *História nova do Brasil*, conjunto de livros produzidos entre 1962 e 1964 pelo Departamento de História do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb) (criado em 1956 e extinto em 1964), com a finalidade de renovar o ensino da história no nível médio. Após o golpe político-militar de 1964, com a invasão e a extinção do Iseb, os livros foram apreendidos e seus autores, presos – com exceção de Pedro Celso Uchoa Cavalcanti e Rubem César Fernandes, que se exilaram. Joel Rufino foi professor da Escola de Comunicação da UFRJ e presidente da Fundação Cultural Palmares, fundada em 1988. Publicou, entre outros: *Zumbi* (1985), *O que é racismo?* (1985) e *Épuras do social – como podem os intelectuais trabalhar para os pobres* (2004). Ver Sodré (1986) e Lopes (2004).

49. Antônio Delfim Neto foi ministro da Fazenda de 1967 a 1974.

50. José Maria Vilar de Queiroz foi assessor do economista e diplomata Roberto Campos e chefe da área internacional do Ministério da Fazenda. Disponível em: http://www.resenha.rj.gov.br/clipping/pasta_clipping/clipping2006/___DEPOSITO20006/01_janeiro2006/2006.01.13.sex/meus%20documentos02/As%20Ilusoes%20Armadas%203%20-%20A%20Ditadura%20Derrotada%20-%20elio%20Gaspari.rtf, acesso em 21/3/2007.

51. Samuel Pinheiro Guimarães Neto, bacharel em direito pela Universidade do Brasil (1963), cursou o Instituto Rio Branco, ingressou na carreira diplomática e fez o mestrado em economia na Universidade de Boston em 1969. Entre 1971 e 1974, esteve de licença, trabalhando como economista na Serete S.A. Engenharia. Diretor do Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais do Itamaraty durante o governo Fernando Henrique Cardoso, em 2003 tornou-se secretário-geral das Relações Exteriores. Disponível em: www.mre.gov.br/portugues/ministerio/estrutura/secretario_geral/sg.asp, acesso em 21/3/2007. O jornalista Luiz Alberto Bahia foi membro do conselho editorial da *Folha de S. Paulo*; faleceu aos 82 anos em novembro de 2005. Ver http://www1.folha/brasil/ult96u74205.shtml, acesso em 7/3/2007.

52. O Clube de Roma, criado em 1968, é uma organização internacional que reúne personalidades de todo o mundo – cientistas, economistas, empresários, chefes de estado, entre outros –, com a missão de analisar e discutir os problemas da humanidade, em princípio livre de interesses políticos, econômicos ou ideológicos. Disponível em: http://www.clubofrome.org/index.php,

www.ebape.fgv.br/novidades/asp/dsp_dados_comunicados.asp?rep=247 e www.unb.br/acs/unbagencia/ago0306-44.htm, acesso em 21/3/2007.

53. O historiador Hélio Silva (1904-1995) publicou dezenas de livros sobre a história contemporânea do Brasil, como *1922: sangue na areia de Copacabana* (1964), ou *1954: um tiro no coração* (1978).

54. Heleno Fragoso (1926-1985) foi professor titular das faculdades de direito da Uerj e da Universidade Candido Mendes. Foi também membro da Comissão Internacional de Juristas em Genebra e diretor da *Revista de Direito Penal e Criminologia*, editada pelo Instituto de Ciências Penais, da Universidade Candido Mendes. http://www.fragoso.com.br/heleno_curriculo.asp, acesso em 21/3/2007.

55. O jornalista Newton Carlos (1927) colaborou para diversos periódicos, como *Jornal do Brasil* e *Folha de S. Paulo*. Fernando Lopes de Almeida (1946) fazia mestrado e doutorado na Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getulio Vargas no início dos anos 1970. Durante os dois governos de Leonel Brizola no Rio de Janeiro (1983-1987 e 1991-1994) foi secretário de Planejamento e Controle, cargo que acumulou com o de secretário de Urbanização, Habitação e Assentamentos Urbanos durante o segundo governo Brizola. Foi também deputado estadual (1987-1990) e federal (1991, 1993, 1994-1999). Ver *DHBB*. Edmundo Dias foi professor de sociologia da Universidade de Campinas (Unicamp). Disponível em: www.unicamp.br/unicamp/divulgacao/BDNUH/NUH_1413NUH_1413.html, acesso em 20/7/2007. Moacyr de Góes era secretário de Educação de Natal e foi exonerado e preso logo após o golpe de 1964. Transferindo-se para o Rio, foi professor no Colégio São Vicente de Paula. Sua esposa, Maria Conceição Pinto de Góes, é professora adjunta da UFRJ desde 1979, e fazia graduação em história na mesma universidade no início da década de 1970. Ver www.cnpq.br, "Plataforma Lattes", e http://tribunadonorte.com.br/especial/histrn/his_rn_13c.htm e http://veja.abril.com.br/vejarj/100805/cronica.html, acesso em 28/5/2007.

56. Em 3 de julho de 1951 foi promulgada a Lei nº 1.390, a chamada "Lei Afonso Arinos" por ter se originado de um projeto de autoria do então deputado federal Afonso Arinos de Melo Franco. A lei incluía a prática de atos resultantes de preconceitos de raça ou de cor entre as contravenções penais. Ver "Legislação" em www.senado.gov.br, acesso em 8/12/2006.

57. Deoscoredes Maximiliano dos Santos (1917), nascido em Salvador e conhecido como Mestre Didi, é chefe religioso, artista plástico e autor de diversos livros sobre a tradição de iorubás em terras brasileiras. Seu livro *O iorubá tal qual se fala*, de 1950, foi o primeiro manual com vocabulário dessa língua editado no Brasil. Juana Elbein dos Santos doutorou-se em etnologia pela Universidade da Sorbonne, em Paris, em 1972, com a tese *Os Nagô e a morte: padé, asesé e culto egun na Bahia*, publicada pela Editora Vozes. Ambos fundaram a Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil (Secneb), em Salvador, em 1974. Ver Lopes (2004), verbete "Mestre Didi", http://www.mestredidi/secneb.htm e http://pt.wikipedia.org/wiki/Juana_Elbein_dos_Santos, acesso em 31/5/2007.

58. Peça de teatro de Deoscoredes Maximiliano dos Santos.

59. Ver, por exemplo, Moutinho (1996) e Monteiro (1991).

60. Dom Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia (MT), foi o principal responsável pela criação, em outubro de 1975, da Comissão Pastoral da Terra (CPT), organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Durante o regime militar, muitos agentes pastorais tornaram-se suspeitos de subversão da ordem social e foram perseguidos, presos e mesmo mortos pelos órgãos de repressão. Ver *DHBB*, verbete "Comissão Pastoral da Terra".

61. Carlos Alberto Medeiros participou da fundação da Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (Sinba) e do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN), ambos no Rio de Janeiro, em 1974 e 1975, respectivamente. Mais tarde foi chefe de gabinete da Secretaria de Estado Extraordinária de Defesa e Promoção das Populações Negras (Seafro), durante o segundo governo de Leonel Brizola no Rio de Janeiro (1991-1994), e membro do Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra, órgão do Ministério da Justiça (1995-1996). Concedeu uma entrevista ao CPDOC para o projeto "História do movimento negro no Brasil", em 15 de abril de 2004. Paulo Roberto dos Santos, também militante do movimento negro desde a década de 1970, foi presidente do IPCN durante a década de 1980, gerente do Plano Estadual de Direitos Humanos do Rio de Janeiro e presidente do Conselho Estadual dos Direitos do Negro (Cedine), no governo Rosinha Garotinho (2003-2006). Disponível em: www.planalto.gov,br/seppir/informativos/038.htm e www.imprensa.rj.gov.br/SCSsiteImprensa/detalhe_noticia.asp?ident=35324, acesso em 21/3/2007.

62. Yedo Ferreira foi militante comunista até a década de 1960, quando se afastou do Partido Comunista Brasileiro devido à perseguição do regime militar. Por sua experiência como militante de esquerda antes do golpe de 1964, teve grande importância na fundação e na estruturação de entidades do movimento negro na década de 1970, elaborando estatutos e contribuindo muito para a consolidação do chamado "movimento negro contemporâneo". Participou da fundação da Sinba, do IPCN e do Movimento Negro Unificado (MNU), em 1978. Amauri Mendes Pereira foi fundador da Sinba e participou da direção do IPCN no início da década de 1980 e no início da década de 1990, quando foi eleito presidente da entidade. Também foi fundador do MNU, em 1978. Ambos concederam entrevista ao CPDOC, para o projeto "História do movimento negro no Brasil", em 2003 e 2004.

63. Durante o período de 1968 a 1974, a economia brasileira sofreu uma notável expansão, refletida no crescimento acelerado do PIB. Esse período ficou conhecido como "milagre brasileiro", o qual ficou caracterizado por taxas de crescimento excepcionalmente elevadas. Disponível em: www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/3388_6.asp, acesso em 21/3/2007.

64. Asfilófio de Oliveira Filho (1949), conhecido como Filó, nasceu no Rio de Janeiro. Foi mentor do movimento sociocultural Black Rio, que eclodiu nos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro na década de 1970, baseados nos movimentos de afirmação dos negros norte-americanos e na *soul music*. Nos anos 1990 foi presidente do Instituto Nacional de Desenvolvimento Esportivo (Indesp). No ano de 2002 foi presidente da Superintendência de Esportes do Estado do Rio de Janeiro (Suderj). Ver Lopes (2004), verbete "Filó".

65. Martin Luther King (1929-1968), pastor negro da Igreja Batista, foi líder do movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos nas décadas de 1950 e 1960, defendendo métodos baseados no amor cristão e na ação não violenta. Foi assassinado em agosto de 1968. Malcolm X (1925-1965), cujo pai, um pastor batista, foi morto pela Ku Klux Klan, também foi líder do movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos, defendendo, contudo, o uso da luta armada como forma de ação. Malcolm X foi líder da Nação do Islã, organização religiosa de muçulmanos negros, de que, contudo, se desligou em 1964, sendo essa possivelmente a causa de seu assassinato no ano seguinte. Ver Lopes (2004).

66. Black Panthers, Panteras Negras, é o nome reduzido da agremiação Black Panther Party for Self Defense, fundada em 1966, nos Estados Unidos, com o objetivo de enfrentar, por meio da luta armada, a discriminação sofrida pelos negros. Ver Lopes (2004).

67. O jornal *Simba*, da Sociedade de Intercâmbio Brasil-África, circulou de 1977 a 1980.

68. Michael Turner, mestre e doutor em história africana e história latino-americana pelas universidades de Boston e Harvard, é diretor do Programa de Estudos da América Latina e do Caribe na Faculdade Hunter da Universidade do Município de Nova Iorque (CUNY), e co-fundador da Iniciativa Global Afro-Latina e Caribenha (GALCI). Foi o responsável pela implantação do programa de assuntos afro-brasileiros da Fundação Ford (1979-1985). Ver http://www.abdias.com.br/nacional_90anos/nacional_90anos_coloquio.htm, acesso em 1º/6/2007.

69. Manuel Faustino, cabo-verdiano, é vice-presidente da comissão que de quatro em quatro anos organiza o Congresso dos Quadros Cabo-verdianos na Diáspora e presidente a Associação para a Solidariedade e Desenvolvimento Zé Moniz, uma ONG fundada em 1995, que atua em Cabo Verde. Ver http://www.congressocv.org/, http://www.africa.expresso.clix.pt/caboverde/artigo.asp?id=24760003 e http://www.rdesida.org/detalheong.asp?id=34, acesso em 1º/6/2007.

Referências bibliográficas

ABREU, Alzira Alves de et al. (coord.). 2001. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-30 – DHBB*. Edição revistae atualizada. Rio de Janeiro, FGV.

Almanaque Abril. 2002. São Paulo, Abril.

AMADO, Jorge. 1962. "Conversa com Buanga Fêlê, também conhecido como Mário de Andrade, chefe da luta em Angola". *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, setembro, p. 25-30.

Enciclopédia Abril. 1971. São Paulo, Abril Cultural.

GONÇALVES, Williams da Silva. 1995. *O realismo da fraternidade: as relações Brasil-Portugal no governo Kubitschek*. São Paulo, USP (Tese de Doutorado em Sociologia).

Grande Enciclopédia Larousse Cultural. 1998. S.l., Nova Cultural.

LOPES, Nei. 2004. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo, Selo Negro.

MONTEIRO, Helene. *O ressurgimento do movimento negro no Rio de Janeiro na década de 70*. 1991. Rio de Janeiro, UFRJ, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (Disertação de Mestrado).

MOUTINHO, Laura. 1996. *Negociando discursos: análise das relações entre a Fundação Ford, o movimento negro e a academia*. Rio de Janeiro, UFRJ, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (Disertação de Mestrado).

QUADROS, Jânio. 2006. "Bilhetes do presidente Jânio Quadros ao Ministério das Relações Exteriores". *Cadernos do CHDD*, Fundação Alexandre de Gusmão, Centro de História e Documentação Diplomática, Brasilia, A Fundação, ano V, n. 8, p. 313-484.

SODRÉ, Nelson Werneck. 1986. *História da história nova*. Petrópolis, Vozes.